

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

National Geographic: a Metamorfose de uma Revista
Análise de conteúdos entre 1989-1991 e 2017-2019

Sílvia Raquel de Sterke Veiga Serra

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Doutora Idalina Conde, Investigadora do CIES-Centro de Investigação e Estudos de Sociologia,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

iscte

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

National Geographic: a Metamorfose de uma Revista
Análise de conteúdos entre 1989-1991 e 2017-2019

Sílvia Raquel de Sterke Veiga Serra

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Doutora Idalina Conde, Investigadora do CIES-Centro de Investigação e Estudos de Sociologia,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

Agradecimentos

Gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos a um conjunto de pessoas sem as quais a realização desta presente dissertação não seria possível.

Começo por agradecer à minha orientadora Professora Doutora Idalina Conde, pela sua disponibilidade, pela preocupação, pelas sugestões e pela sua partilha de conhecimentos.

À Gisela, pelo amor e carinho nos momentos mais difíceis, pelo apoio, pela compreensão e motivação e por toda a ajuda que me deu desde o início da elaboração desta dissertação.

À minha mãe por sempre acreditar em mim, pelo investimento, pela segurança e pelo apoio que me deu desde o início da minha vida.

E aos meus amigos, colegas e familiares pela companhia e diversão nos momentos que mais precisava.

Muito obrigada!

Resumo

A presente dissertação realiza uma análise temática de conteúdos da revista *National Geographic*, incidindo em dois períodos temporais: 1989-1991 e 2017-2019. O objetivo deste estudo é averiguar de que forma a revista reflete a passagem do séc. XX para o séc. XXI, relacionando os seus conteúdos com os acontecimentos ocorridos entre 1989 e 2019. Considera-se então a pergunta de partida “Que diferenças paradigmáticas explicam a metamorfose de conteúdos na revista *National Geographic* entre os blocos temporais 1989- 1991 e 2017-2019?”.

Na investigação são estudados processos de globalização, desde o pós-modernismo, que ao confrontados com o contexto histórico, social e geopolítico dos períodos temporais em estudo permitem inferir alterações de paradigma. Paralelamente, analisa-se a evolução dos conteúdos da revista de forma quantitativa, formulando-se uma caracterização da metamorfose da *National Geographic* desde 1989 até 2019.

No final deste estudo comprovou-se que os tópicos abordados pela revista mudaram ao longo do período temporal considerado e que ocorreram mudanças paradigmáticas relacionadas com a globalização (principalmente na vertente da comunicação) e com movimentos sociais pertinentes ao clima e aos direitos das minorias. Em resposta à pergunta de partida, considera-se que a *National Geographic* acompanhou estas alterações no estado do mundo, dando maior relevância a questões ambientais e sociais e mostrando esforços no sentido da descentralização geográfica e da igualdade de género.

Palavras-Chave:

National Geographic; Século XX; Século XXI; Análise de Conteúdos; Globalização; Sociedade.

Abstract

This dissertation performs a thematic content analysis of the magazine National Geographic, covering two time periods: 1989-1991 and 2017-2019. The aim of this study is to find out how the magazine reflects the turn of the 20th Century to the 21st Century, relating its contents to the events that occurred between 1989 and 2019. The research question is then “What paradigmatic differences explain the content metamorphosis in National Geographic magazine between the time blocks 1989-1991 and 2017-2019?”

In this research the processes of globalization are studied, starting with the postmodernism era. This is then confronted with the historical, social and geopolitical context of the time periods under study to depict paradigmatic changes. At the same time the evolution of the magazine’s contents is analyzed, in a quantitative way, in order to characterize the metamorphosis that occurred in the National Geographic magazine from 1989 to 2019.

In this process, it was proved that the topics covered by the magazine changed over the two time periods and that paradigmatic changes specifically related to globalization (mainly in the communication aspect) and social movements connected to the environment and minority rights were seen. Answering the research question, the magazine followed these paradigmatic changes in the status quo of the world, giving greater relevance to environmental and social issues and showing efforts towards geographic decentralization and gender equality.

Key Words:

National Geographic; 20th Century; 21st Century; Content Analysis; Globalization; Society.

Índice

Índice de Quadros	viii
Índice de Figuras.....	viii
Glossário de siglas	viii
Capítulo I - Introdução	1
1.1. Enquadramento do tema.....	1
1.2. Motivação e relevância do tema	1
1.3. Questões e Objetivos de Investigação	1
1.4. Estrutura e Organização da Dissertação	2
Capítulo II - Quadro de Referência Teórico	3
2.1. A National Geographic.....	3
2.2. Revisão de Literatura	4
2.2.1. Perspetiva da era mundial para global.....	4
2.2.3. Globalização	6
2.2.4. Glocalização	8
2.2.5. Agendamento.....	8
2.3. Contextualização Temporal.....	9
2.4. Conclusão	13
Capítulo III - Metodologia	15
3.1. Hipóteses	15
3.2. National Geographic e Blocos Temporais.....	15
3.3. Dimensões de Análise	16
3.4. Estratégia Metodológica.....	17
3.5. Análise de Dados	18
Capítulo IV - Análise de Conteúdos	19
4.1. Autores dos Artigos	19
4.2. Análise de Conteúdo das Revistas da National Geographic	20
4.2.1. Categorização por subcategorias.....	22
4.3. Análise Geográfica da Revista National Geographic.....	24

Capítulo V - Conclusão.....	27
Referências Bibliográficas	31
Anexos	35
Anexo A - Categorização das categorias e dimensões geográficas.	35
Anexo B - Unidades de registo / contexto por categoria.....	35
Anexo C - Percentagem de mulheres e homens autores por ano e bloco temporal.	36
Anexo D - Gráfico da percentagem de artigos por categoria e ano.	36
Anexo E - Quantidade de países mencionados por área geográfica por ano e bloco temporal ..	36
Anexo F - Percentagem de artigos por áreas geográficas por ano.	37

Índice de Quadros

Quadro 4.1 - Número de artigos por ano na revista National Geographic.	19
Quadro 4.2 - Número de páginas e imagens na revista National Geographic por ano e artigo.	19
Quadro 4.3 - Número de autores por género do autor por ano e bloco temporal na revista National Geographic.	20
Quadro 4.4 - Percentagem de artigos de cada categoria por ano e bloco temporal.	21
Quadro 4.5 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria Ambiente.	22
Quadro 4.6 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria Ciência & Tecnologia.	23
Quadro 4.7 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria Exploração e Aventura.	23
Quadro 4.8 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria Cultura & História.	24
Quadro 4.9 - Quantificação de menções dos 5 países mais populares.	25
Quadro 4.10 - Percentagem de artigos referentes aos EUA, restantes países (“Outros”) e com área geográfica não definidos por bloco temporal.	25
Quadro 4.11 - Quantificação relativa das menções a cada continente por bloco temporal e no total.	26

Índice de Figuras

Figura 2.1 - Primeira edição da revista National Geographic em 1988	3
Figura 3.1 - Fases da análise de conteúdos	17

Glossário de siglas

NG – *National Geographic*

NGS – *National Geographic Society*

Capítulo I - Introdução

1.1. Enquadramento do tema

O processo de globalização foi catalisado pelas revoluções industriais do séc. XX – mais concretamente, pela revolução das tecnologias da informação e comunicação, que quebrou fronteiras espaciais e temporais e construiu o mundo como uma aldeia global. Num planeta em constante mudança de âmbito social, económico, político, ambiental e tecnológico, cabe aos media, com a sua enorme influência, o dever de retratar, divulgar e difundir essas mudanças, de informar o seu público, e de contribuir para a fruição da cultura e do conhecimento, sem viés no seu agendamento.

A *National Geographic Society* tem uma história de mais de 130 anos, ao serviço de “um planeta em equilíbrio”. Esta missão apela à valorização do ambiente e das comunidades, assim como à proteção de todos os sistemas que mantêm o equilíbrio planetário. A revista da NGS, *National Geographic*, foi fundada com o intuito de “explorar e proteger o planeta”, ampliando a compreensão do mundo e criando um imaginário que não é possível observar com os próprios olhos, capacitando para a produção de soluções para um planeta sustentável (National Geographic, s.d^a).

1.2. Motivação e relevância do tema

A escolha do objeto de estudo prende-se com a escassez de abordagens académicas da revista em causa, que é uma das maiores do seu nicho: de acordo com Farhi (2015), abarca cerca de 40 versões locais e acumula vendas superiores a 6,5 milhões de revistas por mês. A *National Geographic* assume-se, assim, como uma revista de referência, paralela aos media de alcance global, que promove a cobertura de acontecimentos e realidades do mundo. Isto torna-a particularmente relevante para o presente estudo por contribuir para a formação das *mediascapes* de Appadurai (1990) à escala mundial. De referir, no entanto, que a análise se centra na edição americana da *National Geographic* pois esta corresponde à versão original, mais antiga, sendo também a única que possibilita acesso digital a todas as revistas lançadas até à data.

A dissertação visa explorar as transformações da *National Geographic* na passagem do século XX para o século XXI comparando dados referentes a dois períodos temporais. O primeiro, entre 1989 e 1991, foi marcado por várias mudanças geopolíticas correspondendo, para o historiador Eric Hobsbawm (1995), ao final do século XX. O segundo período em estudo decorre entre 2017 e 2019, anos que refletem uma nova realidade a nível de avanços tecnológicos, uso de internet e redes sociais, e da sociedade em geral.

1.3. Questões e Objetivos de Investigação

O principal objetivo desta investigação será averiguar de que maneira as mudanças da sociedade foram interpretadas, divulgadas e difundidas pelos media, utilizando para este propósito a *National Geographic* enquanto publicação de referência. Justifica-se então a pergunta de partida:

“Que diferenças paradigmáticas explicam a metamorfose de conteúdos na revista National Geographic entre os blocos temporais 1989-1991 e 2017-2019?”

Subjacentes a esta, assumem-se as seguintes questões:

1. Quais são e como evoluem os tópicos abordados pela *National Geographic* entre 1989 e 2019?
 - a. Quantos artigos existem sobre cada tópico na *National Geographic* entre 1989 e 1991? E entre 2017 e 2019?
2. Qual a representatividade de diversas áreas geográficas nos artigos da *National Geographic* entre 1989 e 2019? E qual a sua evolução?
 - a. Em quantos artigos é mencionada cada área geográfica entre 1989 e 1991? E entre 2017 e 2019?
3. Qual a distribuição por género (masculino e feminino) dos autores dos artigos da *National Geographic* entre 1989 e 2019? E qual a sua evolução?
 - a. Quantos artigos tiveram autores do género masculino e quantos tiveram autores do género feminino entre 1989 e 1991? E entre 2017 e 2019?
4. Que mudanças paradigmáticas se podem inferir a partir dos acontecimentos ocorridos entre 1989 e 2019?
 - a. Que acontecimentos ocorridos entre 1989 e 1991 permitem contextualizar esse período temporal? E entre 2017 e 2019?

Os objetivos da análise de conteúdos resultam das subquestões mencionadas acima, sendo estes os seguintes: averiguar o montante de artigos por dimensão de análise (i.e. por tópico, área geográfica e género do autor) por ano, bloco temporal, e em geral; proceder a comparações estatísticas entre cada bloco temporal; inferir mudanças de paradigma entre os dois blocos temporais; inferir e evidenciar os fatores relacionados à metamorfose de conteúdos.

1.4. Estrutura e Organização da Dissertação

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos que refletem o processo de investigação. O primeiro capítulo introduz e enquadra o tema em estudo, justificando a sua relevância e definindo linhas orientadoras para a pesquisa. O segundo capítulo apresenta uma revisão de literatura, atentando na história da *National Geographic*, contextualizando os blocos temporais em estudo e abordando conceitos como pósmodernismo, póscolonialismo, globalização, glocalização e agendamento. O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada no processo de investigação, definindo hipóteses e dimensões de análise, enquanto o quarto expõe os resultados da mesma, incidindo sobre o número de páginas e imagens por artigos, género dos autores dos artigos, e conteúdos da revista por tópico e cartografia geográfica. O quinto capítulo traz as conclusões da pesquisa com discussão das hipóteses e resposta à questão de partida. O sexto capítulo reúne a bibliografia usada e, no sétimo capítulo, figuram os anexos.

Capítulo II - Quadro de Referência Teórico

2.1. A National Geographic

A *National Geographic Magazine* existe desde 1888, portanto há mais de 130 anos, e já conta com acima de 1500 publicações que abordam temas desde a história à ciência. A revista passou por várias transformações desde a sua primeira edição, quer no design, quer no conteúdo. É das maiores no seu nicho e coleciona vários prêmios a nível global.

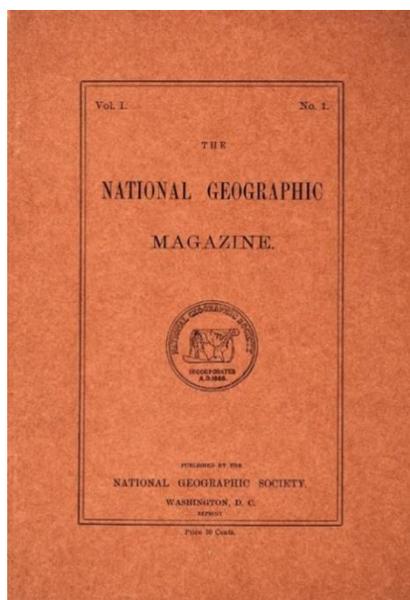


Figura 2.1- Primeira edição da revista *National Geographic* em 1888. Fonte: Kapsis (2018)

O dia 13 de janeiro de 1888 assinala a fundação da *National Geographic Society* (NGS) que, em outubro desse ano, divulgaria a primeira edição da revista. Esta sociedade foi criada com o âmbito de difundir a pesquisa geográfica de Alexander Graham Bell (1847-1922) e Gardiner Greene Hubbard (1822-1897), entre outros. Nos primeiros anos a revista publicou-se apenas ocasionalmente, mas, a partir de 1896, começou o seu lançamento mensal. Até esse ano os artigos tinham um estilo de escrita muito formal, académico, sem títulos cativantes e sem fotografias, o que explica a sua circulação limitada, com 1000 subscrições até 1897 (Verma et al., 2011).

Depois da morte de Hubbard em 1897, Bell ficou à frente da sociedade. Devido à reduzida circulação da revista, e problemas financeiros, fez várias mudanças na política editorial, transformando a publicação académica numa revista de divulgação científica. Em 1899 contratou o primeiro editor, Gilbert H. Grosvenor, que introduziu a fotografia e mudou o estilo de escrita, fazendo subir o nível de subscrições para 11000, em 1906.

Segundo Verma et al. (2011), uns anos mais tarde, em 1910, começaram a aparecer as fotografias a cor e a *National Geographic Magazine* tornou-se pioneira no uso das mesmas no final da segunda guerra mundial. Por essa altura, a revista já contava com mais de 500 mil subscrições e, em 1998, esta publicação anteriormente apenas disponível para os seus assinantes passou a vender-se em todas as

bancas de jornais. No início do século, a *NGS* já detinha vários programas de televisão, duas lojas, DVD's e três revistas diferentes. No início de 2001 foi lançado o canal de televisão *National Geographic Channel* e, em março do mesmo ano, a versão local da revista em Portugal através do grupo RBA Revistas (Fernandes, 2001).

Atualmente, a *NGS* é responsável por mais de seis revistas diferentes, para além de contribuir em vários projetos de investigação e exploração. Em 2015, a sociedade fez uma extensão da *Joint Venture* com a *21st Century Fox*¹ e formou a *National Geographic Partners*, estendendo o apoio a todos os canais de media e projetos. Não obstante, em 2019, a *Century Fox* foi adquirida pela *Walt Disney* que passou a deter 73% da *National Geographic Partners* (National Geographic, s.d^b).

Até outubro de 2020 lançaram-se 1521 revistas da edição americana da *National Geographic*, contando com mais de 30 milhões de leitores e com 37 versões geográficas diferentes que abordam temas como cultura, história, ciência, inovação, exploração, ambiente, animais e aventura.

2.2. Revisão de Literatura

Para compreender o séc. XXI afigura-se necessário examinar as perspetivas de vários autores acerca das mudanças paradigmáticas sociológicas do mundo contemporâneo. A maior e mais significativa dessas mudanças é a globalização e conceitos relacionados (como glocalização e agendamento). De forma a enquadrá-los, apresentam-se de seguida algumas perspetivas sobre a transição da era mundial para a era global.

2.2.1. Perspetiva da era mundial para global

Precedida de percursos e perspetivas sobre trocas mundiais, a globalização tem, contudo, o seu despoletar na pósmodernidade. É um conceito complexo, considerando antecedentes históricos e dimensões contemporâneas. Esta secção sintetiza então alguns temas que se prendem com o mesmo: póscolonialismo, orientalismo e subalternidade.

Pósmodernidade

O processo de pósmodernidade ganha relevância a partir dos anos 80, como se reportou em *A Condição Pós-Moderna* (1979²). Uma publicação sobre a mudança social desde a modernidade no final do séc. XIX, particularmente nos campos da ciência, literatura, artes e saberes.

Este período caracterizou-se pelo rompimento com paradigmas do saber e corrosão de discursos positivistas da legitimação na ciência. Ao mesmo tempo, autores como Foucault, Derrida e Lacan, entre outros, representam o pós-estruturalismo, movimento que atravessa a condição pósmoderna e propõe a desconstrução ou rejeição de conceitos em prol de verdades absolutas (Neves, 2009).

¹ A *21st Century Fox* detinha poder o sobre os canais de televisão da *National Geographic* desde 1997.

² Lyotard, J. (1979). *La condition postmoderne: Rapport sur le savoir*. Paris: Éditions de Minuit.

Na Europa refira-se ainda o multiculturalismo e hibridismo cultural (Neves, 2009), também frutos da globalização. O hibridismo relaciona-se com contexto da diáspora e a tradução cultural que Stuart Hall (1992) definiu como um processo infundável de negociação entre culturas emergentes e herdadas (como na experiência das migrações). Homi Bhabha (1994) também abordou o hibridismo cultural, vendo-o como um processo agonístico e antagônico por resultar das tensões, choques e conflitos de diferenciação cultural. Em suma, um hibridismo cultural com negociações que partem de relações assimétricas de poder, sendo que neste âmbito também se coloca a problemática póscolonial.

Póscolonialidade, orientalismo e subalternidade

Segundo Neves (2009), os processos de descolonização foram catalisados com a dissolução dos impérios francês e britânico no início do séc. XX. Seguiu-se o póscolonialismo com descolonizações nos anos 60 – ou, mais tarde, em 1975, em Portugal. No entanto, reconhece-se que o póscolonialismo, mais do que uns simples *pós*, coincide com um novo período histórico de globalização, relacionado com a problemática das minorias.

Os estudos póscoloniais emergiram no final dos anos 70 com contributos de autores como Edward Said, Homi Bhabha e Gauri Spivak. Esta é uma fase de declínio da modernidade, ou de entrada na modernidade tardia segundo os termos de Anthony Giddens, com transformações nas categorias de classe e género e no plano dos indivíduos e das suas identidades: sexual, geracional, social, ideológica e política. O período coincide ainda com a fragilidade do estado-nação e da identidade nacional rumo a uma forma híbrida e moldável (Calefato, 2004).

Nos anos 80, a produção literária de ex-colonizados e ex-colónias trouxe novas perspetivas sobre conflitos de identidade. Reclamando a sua literatura e visão póscolonial, estas comunidades também problematizaram a identidade nacional, regimes de dominação ocidental, e as barreiras de separação entre o mundo metropolitano e o mundo colonial. Pelo que assim contribuíram para o processo de globalização (Costa, 2016; Neves, 2009).

O orientalismo constituiu outra marca do póscolonialismo e da pósmodernidade, podendo ver-se de três modos: como um estudo académico do oriente; como uma forma de distinção entre o oriente e o ocidente, i.e., como um binário oposto; ou como uma forma de dominação ocidental do “outro” exótico (Guasch, 2018). Entre os autores de referência que abordaram e definiram o orientalismo está Edward Said (1978), escritor palestino emigrado nos Estados Unidos e, mais tarde, Homi Bhabha (1994), teórico e universitário indiano.

A teoria de Said sobre o orientalismo considera o mundo dividido em dois com a visão do colonizador em contraponto à do colonizado, sendo o oriente uma construção mental dos ocidentais (Neves, 2009). Para Guasch (2018), Said analisou o processo em que a Europa produziu e codificou o conhecimento sobre o oriente. O escritor palestino realçou que o colonizador é o princípio das narrativas construídas na altura em que se via o colonizado apenas como o “outro”, o “exótico”, um outro que não fala por si mesmo, dominado e produzido através da imagem do colonizador. O Oriente e Ocidente

funcionariam como termos opostos, em que o Oriente foi construído como o oposto negativo da cultura ocidental. Posteriormente, Homi Bhabha contestou essa teoria radical em *The Location of Culture* (1994), na qual afirma que a relação entre colonizador e colonizado não é homogênea e binária, e antes repleta de paradoxos. Esta posição sustenta-se e relaciona-se com a teoria do hibridismo cultural referida anteriormente.

Gayatri Spivak juntou-se ao debate sobre o póscolonialismo cruzando-o com o feminismo. Uma teórica também indiana cujas críticas³, no final da década de 80 e início dos anos 90, evidenciaram o processo de “violência epistêmica” causada pelo colonialismo e imperialismo, criando as figuras do “subalterno” e do “informador nativo”. Segundo Spivak (1988), tal violência consiste na imagem, projetada através do olhar ocidental, sobre o “outro subalterno” que se torna assim possível de controlar e classificar. Esta projeção também conduz à definição do “informador nativo” que controla, por meio da sua informação, o discurso que é proposto aos “nativos” do país descolonizado. Spivak (1993) explorou igualmente a questão de ser ou não possível recuperar a voz dos subalternos que sofreram durante o processo de colonização, em particular o subalterno feminino, objeto do esquecimento.

Os estudos sobre a subalternidade iniciaram-se em 1982 com a formação do editorial *Subaltern Studies* por vários investigadores indianos, como Ranajit Guha. Embora a publicação começasse pelo estudo da história indiana moderna, introduziu questões relacionadas com nacionalismo, orientalismo e eurocentrismo a nível global. Atualmente, investigadores como Partha Chatterjee (2012) afirmam que os estudos subalternos foram um produto do seu próprio tempo e que um novo tempo precisa de um novo projeto, pelo que defendem uma viragem etnográfica que abra portas a uma agenda voltada para o futuro da pesquisa.

2.2.3. Globalização

A globalização possibilitou-se ainda mais com o crescimento das tecnologias de informação e comunicação que esbatem distâncias e diversas fronteiras espaciais e temporais. Um processo primeiro impulsionado pelas revoluções industriais e com o apogeu na revolução eletrónica, com a Internet, que conecta o mundo numa aldeia global. Ainda que este sentido para o conceito de globalização se generalize, teve diferentes abordagens por vários autores como os citados nos próximos parágrafos: Arjun Appadurai, Malcom Waters, Boaventura Souza dos Santos, Anthony Giddens e Manuel Castells.

Para Arjun Appadurai (1990), antropólogo e teórico indiano, o mundo moderno consiste num sistema de fluxos globais que aceleram o processo de globalização. O autor distinguiu nos fluxos, também apelidados de *scapes*, cinco subcategorias: *ideoscapes*, enquanto movimentos de valores ideológicos e políticos; *technoscapes*, relativo a fluxos de tecnologia; *mediascapes*, com o panorama e disseminação de informação; *financescapes*, a partir dos movimentos globais do capital; e *ethnoscapes*, que refletem a mobilidade transnacional (de turistas, refugiados e migrantes) com as respetivas e variadas culturas. Posteriormente, Malcolm Waters (1995), acrescentou outras paisagens (*scapes*):

³ “Subaltern Studies: Deconstructing Historiography” (1988) e “Can the Subaltern Speak?” (1993).

iconoscape, que abrange o consumo de imagens e ícones; *sacrascape*, relativo ao movimento de valores religiosos; *etnoscape*, relacionado com o cosmopolitismo e nacionalismo; e *leisurescape*, resultante do turismo universal.

Boaventura de Souza Santos, sociólogo português, avançou com a sua perspetiva sobre a globalização em 1997. Definiu-a como “o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival” (Santos, 1997, p.108). O autor foca essencialmente quatro tipos de globalização: localismo globalizado (em que uma realidade local é globalizada com sucesso), globalismo localizado (resultante do impacto das práticas transnacionais na realidade local), o cosmopolitismo (associado ao subalternismo e resistência organizada contra os dois tipos de globalismo referidos acima) e, por fim, o património comum da humanidade (referente às causas e lutas transnacionais por recursos e valores globais). Os quatro tipos de globalismo inserem-se em dois aglomerados de globalização hegemónica, ou de natureza neoliberal, e contra-hegemónica ou solidária. Ao primeiro tipo pertencem o localismo globalizado e o globalismo localizado; o conjunto reporta-se ao capital global, princípios de mercado e acumulação de riqueza. O segundo tipo compreende o cosmopolitismo e o património comum da humanidade; conjunto com várias formas de contraposição do modelo vigente por atores locais e subalternos (Santos, 1997).

Anthony Giddens (2000) incide na globalização como um sistema de mecanismos de descontextualização com interdependências sociais globais que se devem a mudanças políticas, ONG’s, corporações internacionais e fluxos de informação. Os processos de globalização alteram a experiência da realidade, comungada pelo mundo como transformação sociocultural sem controlo de estados-nações ou organizações.

Por seu lado, Manuel Castells veio falar da “Sociedade em Rede” (2002) com base nas novas tecnologias que transformam o quotidiano pela capacitação dos indivíduos (particularmente pela Internet) para novas formas de comunicação, partilha, conhecimento e emoções. Na sociedade em rede, segundo Castells, assiste-se à desconstrução das noções de tempo, espaço, fronteiras e barreiras pois tudo está à distância de um “click”, em rede, e instantaneamente. Os indivíduos geram redes entre si e grupos, dos quais muitos online. Contudo, a dimensão virtual, e desconstruções temporal e espacial também induzem insegurança e exclusão. Na sociedade em rede coexistem vários binómios (público vs privado, global vs local, centralização vs descentralização, entre outros) e todas as interações passam a ser complexas, diversas e simultâneas.

Em conclusão, considerando as diferentes perspetivas, retira-se para o presente estudo elementos da teoria de Arjun Appadurai pois a *National Geographic* representa uma componente do *mediascape*. Este *scape* implica a capacidade eletrónica de difundir e produzir informação através dos meios de comunicação que disponibilizam narrativas, ambientes e imagens de diferentes lugares e culturas. Devido à dimensão da revista como grande plataforma de informação e imagem, consegue criar um

imaginário do mundo, bastante presente na publicação relativamente a países, culturas ou animais. Deste modo, a *National Geographic* proporciona uma conectividade global, trazendo diferentes realidades à sua audiência (Hawkins, 2010).

2.2.4. Glocalização

O termo apareceu, primeiro, por via do sociólogo e teórico Robertson (1992) que define a glocalização como uma espécie de monismo em que o local e glocal se explicam através do global. Segundo Roudometof (2016, p.392), a globalização de Robertson implica “the particularization of universalism and the universalization of particularism”; i.e., interpenetra o local e a globalização transforma-se em glocalização.

Para outra autora, Guasch (2018), a globalização mostra a complementaridade de duas tendências, homogeneização e heterogeneização, e a propósito da glocalização refere o termo japonês *dochakuka*. Um conceito que se referia originalmente à adaptação de técnicas de cultivo de terras às condições locais do terreno, e nos dias de hoje utiliza-se para designar a adaptação de produtos globais aos costumes, hábitos e necessidades locais.

Finalmente, George Ritzer (2003) traz outra perspetiva sobre a glocalização, vendo-a como forma de as corporações transnacionais promoverem a “glocalização” da cultura. Este termo, que se opõe ao de glocalização, corresponde segundo Ritzer, a “imperialistic ambitions of nations, corporations, organisations, and the like and their desire, indeed need, to impose themselves on various geographic áreas” (Ritzer, 2006, p.73). A glocalização tem por objetivo sobrecarregar o local e aumentar os lucros pela homogeneidade unilateral. Os dois conceitos, glocalização e glocalização assumem-se, assim, como binários opostos. Para o autor, o global e local são mutuamente exclusivos: um não pode existir dentro do outro pois, quando o local é incorporado dentro do global, transforma-se em glocal, e o glocal não é local já que se perde sempre algo, alguma propriedade ou essência. Com o crescimento da globalização, o local vai desaparecendo e o que resta é glocal, mas insuficiente para desafiar o capitalismo contemporâneo global. Donde, incorpora o local neste processo de glocalização (Roudometof, 2016).

2.2.5. Agendamento

O conceito de agendamento advém de McCombs e Shaw em 1972. De acordo com Shaw (1979 *apud* Wolf, 2006), a teoria do *agenda-setting* pressupõe que o público presta atenção ou negligencia os panoramas públicos por efeito dos media, i.e., os indivíduos tendem a incluir ou excluir dos seus conhecimentos o que esses media contemplam ou omitem, respetivamente. Esta definição segue a linha de Lippman, Lang e Neuman quando conceberam a teoria em 1922, considerando que os media fornecem ao público uma lista de conteúdos para formular opinião e discutir. O agendamento assume-se assim como um modo de mediar a compreensão que o público tem da realidade social (Shaw, 1979).

Outra definição de agendamento observa-se em McQuail (2003, p.497) como “processo da influência dos meios de comunicação de massas (intencional ou não) pelo qual a importância relativa

de acontecimentos noticiosos, assuntos ou personagens, na mente do público é afectada pela ordem da apresentação noticiosa (ou saliência relativa)”. Quer dizer, os *mass media* têm o poder de selecionar e hierarquizar temas, seja por grau de relevância ou por mera sequencialização, influenciando a agenda pública, política, e o pensamento do público.

Note-se que a teoria de agendamento realça a clivagem entre a quantidade de informações sobre a realidade social que os media disponibilizam e as experiências vividas pelos indivíduos (Wolf, 2006). Mas um autor, Grossi (1983 apud Wolf, 2006), acrescenta que com a complexidade das sociedades capitalistas, participada pelo papel dos mass media, também aumentou a mediação da realidade, i.e., experiências vividas não em primeira mão, mas através dos media. Por causa da dependência cognitiva face aos media, Mauro Wolf (2006) declara o impacto do agendamento nos indivíduos, mesmo que não seja um impacto necessariamente imediato. Esta posição vem no seguimento e é confirmada pela teoria de Shaw (1979). A hierarquização de acontecimentos na escala dos indivíduos assemelha-se à avaliação que tiveram nos media, mas o efeito real só se torna visível a longo prazo, já que opera de forma cumulativa.

Inicialmente, a teoria do agendamento não distinguiu o poder de influência pelos diferentes media. A pesquisa de Patterson e McClure (1976) sobre as eleições presidenciais americanas, acrescentou que a informação escrita (em jornais e revistas) corresponde ao maior consumo de conhecimento, agendado e consistente. Posteriormente, Patterson (1980) referiu-se à diversidade dos media para estabelecerem “ordens do dia” com as notícias importantes e que se confrontam com o privilégio dado a acontecimentos dramáticos ou “folclóricos”. Já Mauro Wolf (2006) leva também em conta o *agenda-setting* de omissão ou marginalização de certos temas ou pontos de vista.

Resta a interrogação sobre se o agendamento gera os mesmos efeitos em todos os recetores, ou se estes variam consoante predisposições, atributos psicológicos e sociais, e/ou relacionamentos interpessoais.

2.3. Contextualização Temporal

Neste subcapítulo elencam-se os principais acontecimentos históricos, sociais e políticos que ocorreram nos dois períodos temporais em estudo e no intervalo entre os mesmos. A contextualização permite não só explicitar e observar as mudanças paradigmáticas na transição do séc. XX para o séc. XXI, como providenciar exemplos reais dos assuntos abordados pelas teorias previamente descritas.

Acontecimentos no primeiro período: 1989-1991

Este foi um período de fins e novos começos, muitos graças a revoluções. Destaque-se a reunificação da Alemanha em 1990, após a queda do muro de Berlim, que catalisa o colapso do comunismo na Europa. As mudanças no cenário geopolítico da Europa, marcadas por alterações de regime na Polónia e Hungria e pela dita “Revolução de Veludo”, não-violenta, na antiga Checoslováquia, entre outras, acabaram por conduzir à dissolução da União Soviética em 1991 e conseqüente o fim da Guerra Fria (iniciada em 1947).

Mas em 1991 também começou a Guerra do Golfo e, a partir de então, a presença de militares americanos no Médio Oriente tornou-se constante (Taylor, 2019). Entretanto, na África do Sul, vinha-se desmantelando o regime do *apartheid*, processo iniciado com a eleição de Frederik Willem de Klerk, em 1989.

Todos estes conflitos resultaram numa recessão no início dos anos 90. A insegurança sentida nos países da Europa do Leste levou à diminuição da taxa de natalidade e, no Ocidente, ocorreu uma contração da economia largamente atribuída à crise do petróleo e à inflação. Apesar disso, observou-se um crescimento do número de nascimentos nos países ocidentais; chegou a geração designada por *echo boomers* ou *millennials*, maioritariamente filhos dos *baby boomers* (Curtin, Abma, Ventura & Henshaw, 2013).

Na área da tecnologia, este bloco temporal representa um ponto de viragem na dita Era da Informação com a invenção da *World Wide Web*, em 1989, por Tim Berners-Lee. A nova ferramenta que veio permitir a generalização do uso da Internet e revolucionar o acesso ao conhecimento.

O início da década de 90 marca o começo de uma discussão mais alargada e institucionalizada sobre a temática da ecologia (Pott & Estrela, 2017). O assunto foi acelerado por organizações não-governamentais (como a *Greenpeace*) na sequência do desastre nuclear de Chernobyl (em 1986) e também devido à destruição de florestas tropicais. Em 1990 o IPCC⁴, organização criada com o objetivo de estudar as mudanças climáticas, conclui que as emissões resultantes das atividades humanas estavam a aumentar as concentrações de gases de efeito de estufa, resultando num aquecimento da superfície da Terra (ProCon.org, 2020).

Nesta altura o movimento feminista atravessa um período de transição. Termina a segunda vaga que tinha como preocupação central a igualdade de género nos campos legal e social, para se iniciar a terceira vaga sobretudo focada no individualismo, diversidade, e consciencialização do conceito de feminismo na sociedade (Vidal, 2014). Numa outra vitória para os direitos das minorias, em 1990 a homossexualidade sai finalmente da lista de doenças mentais pela Organização Mundial de Saúde. (The Daily Dish, 2009).

Acontecimentos no segundo período: 2017-2019

Segundo Lindsay (2019), este período coincide com várias mudanças no panorama político mundial. O ano de 2017 começou com a tomada de posse de Donald Trump como Presidente dos Estados Unidos da América e o início oficial do Brexit, processo de saída do Reino Unido da União Europeia. Este estendeu-se ao longo de todo o período considerado, levando à sucessão de líderes em 2019, com Boris Johnson a substituir Theresa May no cargo de primeiro-ministro (History.com Editors, 2020). Em 2019 também Jair Bolsonaro tornou-se presidente do Brasil.

⁴ Intergovernmental Panel on Climate Change, criado pelo World Meteorological Organization (WMO) e pela United Nations Environment Programme (UNEP) em 1988.

Em 2017, a manifestação “Unite the Right” juntou vários grupos de extrema-direita em Charlottesville (EUA), prefigurando o que seria um crescimento tendencial de movimentos e partidos com ideologias desta natureza na Europa e no mundo. Em 2018, as políticas antimigração de Donald Trump suscitaram disputas no Congresso e dois *shutdowns* do governo federal (BBC, 2018).

No que respeita os direitos das mulheres, o período em causa teve a “Women’s March”, em resposta à eleição de Donald Trump, e o despoletar do movimento #MeToo com o caso de Harvey Weinstein em 2017 (BBC, 2020). Sinal de outra evolução, desde 2018 as mulheres da arábia saudita podem conduzir automóveis.

O ambiente ficou em perigo pela saída dos Estados Unidos da América, por decisão do presidente Donald Trump, do Acordo Climático de Paris, um processo iniciado em 2017 e que fora celebrado em 2015 por quase todas as nações do mundo para diminuir a emissão dos gases de efeito de estufa (Reuters, 2019). Aumentou também o número de desastres naturais como terremotos, furacões (como Irma e Harvey em 2017 e Barry em 2018) e fogos incontroláveis no norte da Califórnia (Estados Unidos) e na floresta Amazónia no Brasil. Os últimos exacerbados por ondas de calor que batem recordes. Organizações científicas continuam a alertar para o aquecimento global e para a constante perda de biodiversidade, ambos largamente causados pela ação humana (AFP, 2017). Em resposta, surgiram movimentos organizados em prol do clima, como a “Semana Global do Futuro”, uma série de greves e protestos inspirados pela ativista Greta Thunberg e que constituem os maiores protestos climáticos da história (Reis, 2019).

Os ataques terroristas no Ocidente ganharam uma nova dimensão mediática e pública. Neste sentido destaca-se o Atentado de Manchester (ligado a um concerto da cantora Ariana Grande) e os ataques de 2017 em Londres e na Catalunha (AFP, 2017). Em paralelo, tiroteios em massa nos Estados Unidos provocam a contestação das leis de posse de armas. Refira-se o massacre na Stoneman Douglas High School (Parkland), em 2018, que motivou vários protestos estudantis de grande dimensão como o “National School Walkout” e a “Marcha pelas Nossas Vidas” (Coughlan, 2018).

Na área da ciência e tecnologia, os ciberataques tornaram-se mais frequentes e poderosos, como demonstram os incidentes do WannaCry e do Petya, ambos em 2017. Também se promovem esforços no sentido de regulamentar o espaço online, principalmente na Europa, com a aprovação do “Regulamento Geral da Proteção de Dados” (GDPR) em 2018 e com a proliferação da discussão acerca dos direitos de autor nestes espaços. Largamente motivada pela polémica associada ao Artigo 13 da “Diretiva da União Europeia sobre Direito de Autor”. Já no campo da saúde, um novo surto de Ébola inicia-se em 2018 no Congo, e no final de 2019 identificou-se o primeiro caso de COVID-19 em Wuhan (China).

Acontecimentos entre os dois períodos: 1992-2016

Os anos 90 coincidem com a constituição da União Europeia pelo tratado de Maastricht em 1992. Em 1998 já onze países usavam o Euro como moeda e, a partir de 2002, esta foi institucionalizada na UE

(com exceção do Reino Unido, Dinamarca e Suécia). Nelson Mandela tornou-se, em 1994, presidente da África do Sul na sequência da eleição multirracial e democrática de 27 de abril. O que representa o fim do *Apartheid* (Pearson, s.d.^a).

No plano económico, os anos 2000 assistem ao enorme crescimento da China e da Índia; simultaneamente, os Estados Unidos da América sofrem uma desaceleração da economia após o fim da Bolha da Internet. Acontecimento que viria a desencadear a crise imobiliária norte americana, em 2007, e eventual falência do Lehman Brothers em 2008, causando a crise financeira de 2007-08 e subsequente Grande Recessão.

Esta década fica também marcada pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os EUA. Em resposta, o governo norte-americano declara a Guerra ao Terror, que levaria a conflitos como a Guerra do Afeganistão e a Guerra do Iraque, entre outros. Em 2011 começou a Guerra Civil da Síria e as organizações extremistas, particularmente ISIL/ISIS, ganharam proeminência no decorrer do conflito. Na sequência destas contendas e outros fatores geopolíticos (crises económicas, fome, intolerância religiosa, e violações de direitos humanos no Norte da África e Médio Oriente), eclodiu na Europa a crise de refugiados com o seu auge em 2015 (Lindsay, 2019).

Foram décadas com muitos avanços tecnológicos. Recorde-se, nos anos 90, a abertura do Eurotúnel (que liga a França e a Inglaterra) e, sobretudo, o impulso da Internet. O site de leilões online *Ebay* apareceu em 1995 e, em 1998, nasceu o motor de pesquisa *Google* assim como se lançou a linguagem de programação JAVA. Em 1997, cerca de 35% da população norte americana já possuía computadores pessoais; em 2001 mais de 50% dos países ocidentais tinha acesso à Internet, e 25% possuíam telemóveis (Pearson, s.d.^a). Emergiram sites de redes sociais como *MySpace*, *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* e acrescem os *user-generated websites* de partilha de conhecimentos tais como *Wikipédia* e o *Yahoo! Answers*. Na década de 2010, difundiram-se os smartphones e dispositivos de rede *wireless* (Wi-Fi). A informação dissemina-se como nunca se vira.

A Internet ampliou os movimentos sociais e políticos, particularmente através das redes sociais. Exemplos disso foram a “Primavera Árabe”, a partir de 2010, e o #BlackLivesMatter em 2013. Ao mesmo tempo a Internet potência a ação de organizações cívicas como o *WikiLeaks* com papel importante no aumento da consciencialização sobre a vigilância por parte dos governos e a privacidade de informação. O crescimento da Internet também induziu o decréscimo na utilização de televisão por cabo, rádio e venda de música. O surgimento de serviços de *streaming* online com o *Netflix* e o *Spotify* possibilitou a escolha personalizada do que ver e ouvir (Tomé, 2019).

Na área da saúde iniciaram-se experiências genéticas com a criação do primeiro clone de uma ovelha (Dolly) em 1997, e os primeiros bebês *designer*, ou seja, a modificação genética de embriões com o objetivo de detetar possíveis mutações causadoras de doenças e/ou modificar características (Vyas, 2019). A AIDS/HIV, ainda sem vacina, disseminou-se em África e, nos anos 2000, surgiram novas pandemias, como a gripe das aves (2007) e a gripe A (2009) (Pearson, s.d.^b).

No que refere a desastres naturais, nos anos 2000 assistiu-se a grandes ondas de calor que mataram mais de 37,000 indivíduos, e a tempestades devastadoras como o furacão Katrina. Nos anos 2010 sucederam-se terremotos, *tsunamis* e furacões, entre os quais o terremoto do Haiti em 2010 (Gerova, 2019). As preocupações ambientalistas incrementam-se neste período com dimensão internacional e política. Em 1992 realizou-se a primeira *Earth Summit* (Cimeira da Terra) na qual vários países se comprometem a proteger o ambiente e a biodiversidade (*Convention on biological diversity*), sendo constituído o *United Nations Framework Convention on Climate Change* com o objetivo de reduzir as emissões de carbono na atmosfera. Esta convenção resultou em *summits* anuais que levaram à adoção do Protocolo de Kyoto em 1997. No entanto, apesar destas iniciativas, nos anos 2000 registou-se a década mais quente desde 1850 e, a partir de 2010, o aquecimento global tornou-se cada vez mais visível devido às novas temperaturas máximas que se atingiram. Continua a concentração de carbono na atmosfera e sucedem-se iniciativas e legislação como o Acordo de Paris em 2015 (ProCon.org, 2020).

Os movimentos feministas continuam a ganhar força e neste bloco temporal aparece uma quarta vaga. Segundo Vidal (2014), por volta de 2013, caracterizando-se pela interseccionalidade com que alarga o debate feminista a questões de identidade de classe, etnia e orientação sexual, entre outras. Mais particularidades desta vaga são o recurso às redes sociais e o foco no empoderamento da mulher, principalmente no que toca a questões de autonomia corporal e autoimagem. Em contrapartida, não menos cresceu o antifeminismo, motivado em grande parte por doutrinas conservadoras e/ou religiosas e difundido por plataformas como o *Men's Rights Movement*.

Os direitos LGBT configuram outra área em expansão. Seria nos anos 2000 que múltiplos países na Europa e América passaram a reconhecer uniões, parcerias civis e casamentos do mesmo sexo. A Holanda fica na história como o primeiro país do mundo a legalizar o casamento homossexual em 2001 e, até ao final de 2009, o mesmo aconteceu em mais 10 países. Na década de 2010 esta legalização estendeu-se a 30 países e predomina a maior discussão e consciencialização em torno de questões de género, com aprovação de leis contra a discriminação de pessoas transgénero. A sua visibilidade cresce nos media e instituições. O mesmo diga-se quanto ao aumento de países que reconhecem o direito à autodeterminação da identidade de género, com progressos para o reconhecimento legal de pessoas intersexo e não-binárias.

2.4. Conclusão

A passagem do século XX para o século XXI, aqui representados respetivamente pelos blocos temporais 1989-1991 e 2017-2018, trouxe diversas mudanças de cariz geopolítico e sociológico, entre outros. Neste capítulo pretende-se resumir e evidenciar essas mudanças paradigmáticas, inferindo tendências a partir dos acontecimentos descritos no capítulo anterior e cruzando-as e relacionando-as com a literatura relevante.

O nascimento, em 1989, e subsequente enorme crescimento da Internet contribuiu largamente, segundo Humman (2010), para a globalização na vertente da comunicação. Esta ideia está também

presente na teoria da “Sociedade em Rede” de Castells (2002), que destaca a influência da Internet, assim como de outras novas tecnologias, nos processos de globalização ao desconstruir noções de tempo, espaço e fronteiras.

Outro aspeto a referir é o aumento da visibilidade e amplitude de vários movimentos sociais relacionados com proteção ambiental e com minorias sociais, nos quais se incluem questões raciais, LGBT+ e feministas. Este crescimento denota uma abertura, na viragem do século, a novos valores ideológicos e políticos, indo assim de encontro à *ideoscape* de Appadurai. De destacar também neste campo o papel da Internet, e especificamente das redes sociais, em disseminar informação e potenciar este tipo de iniciativas e movimentos.

A maior visibilidade das minorias relaciona-se também com o póscolonialismo e com o processo de desconstrução da violência epistémica⁵ referida por Spivak (1988): o “subalterno” volta a ganhar voz, recuperando a sua narrativa e lutando pela restituição dos seus direitos. Exemplo deste fenómeno é a luta contra a discriminação racial e os movimentos relacionados, como o #BlackLivesMatter, que surge em 2013 em protesto contra a violência policial e racismo estrutural nos Estados Unidos da América (Day, 2015).

Relativamente à proteção ambiental e ecologia, convém mencionar que as preocupações dessa ordem chegam devido a fatores inerentes à própria globalização, com génese na Revolução Industrial e com expressão moderna em corporações multinacionais que crescem em prol da destruição do ambiente. O ambientalismo começa então a ganhar relevância no panorama institucional e, chegada a década de 2000, termos como aquecimento global e alterações climáticas encontram-se já generalizados no vocabulário quotidiano. Aumenta o número de iniciativas e movimentos em defesa do clima e temas como sustentabilidade e conservação do património natural entram na ordem do dia.

Em suma, a viragem do século fica marcada pelos processos de globalização que, com todas as suas nuances, impactaram profundamente o mundo e a forma com o experienciamos. O nascimento da Internet e a proliferação das redes sociais democratizou o acesso ao conhecimento e informação e permitiu o contacto entre várias culturas, modos de vida, e ideais, evidenciando problemáticas e tensões de cariz social e pós-colonial. Se isto, por um lado, permite um alargamento da discussão em torno destas temáticas e potencia movimentos sociais, por outro pode também levar a divisões e confrontos entre diferentes grupos e sistemas de pensamento. Surge então a questão se os media, e mais concretamente a *National Geographic*, conseguem simultaneamente acompanhar as mudanças paradigmáticas da sociedade e apresentar uma visão do mundo imparcial e sem agendamentos.

⁵ c.f. 2.2.1. Perspetiva da era mundial para a global.

Capítulo III - Metodologia

Neste capítulo aborda-se o modelo de análise, identificando dimensões de análise e as hipóteses. Descreve-se, igualmente, as estratégias metodológicas e os processos de recolha de dados.

3.1. Hipóteses

As hipóteses relacionam-se com a problemática e a questão de partida: Que diferenças paradigmáticas explicam a metamorfose de conteúdos na revista *National Geographic* entre os períodos temporais 1989-1991 e 2017-2019? Colocam-se as seguintes hipóteses a averiguar:

Hipótese 1: Os tópicos abordados pela National Geographic mudam entre os dois períodos temporais.

A hipótese pressupõe verificar se houve uma metamorfose de conteúdos, considerando a relação entre o número de artigos em cada categoria temática nos blocos temporais em causa e comparando-os, nesta perspetiva.

Hipótese 2: Todas as áreas geográficas são representadas igualmente na revista National Geographic.

A hipótese procura verificar qual a paridade nas menções de várias áreas geográficas através da análise do montante de artigos por continente. Importa também averiguar sobre mudanças nessa contagem entre o primeiro marco temporal e o segundo.

Hipótese 3: Existe um número equilibrado de autores do género masculino e género feminino a contribuir para a revista National Geographic.

A hipótese pressupõe verificar se existe paridade de género nos autores dos artigos da revista, considerando-se nesta análise, para efeitos de simplificação, apenas os géneros masculino e feminino. A hipótese será testada através da contagem do número de artigos assinados por autores de cada um dos géneros em cada bloco temporal e, depois, comparados ambos os períodos.

Hipótese 4: Ocorreram mudanças paradigmáticas entre os dois blocos temporais.

A hipótese permite verificar se ocorreram mudanças paradigmáticas entre os dois blocos temporais passíveis de influenciar a *National Geographic*. Conduz-se a análise através da comparação entre os dois períodos, considerando os acontecimentos em cada um, inferindo tendências e cruzando-as com literatura relevante.

3.2. National Geographic e Blocos Temporais

A escolha da *National Geographic* para esta pesquisa radica, primeiro, na sua grande dimensão mundial: com trinta e sete versões em línguas diferentes, é uma das maiores revistas no seu nicho. Em segundo lugar importa o relevo que tem na *mediascape*⁶ de Arjun Appadurai (1990) não só enquanto revista, mas também na sua vertente multimédia (imagens fotográficas e vídeo) que contribuiu para uma perceção multifacetada do mundo.

⁶ Capacidade eletrónica de produzir e disseminar informação através dos media (c.f. capítulo 2.2.3. Globalização).

A seleção dos períodos temporais justifica-se por conterem e serem representativos de grandes mudanças. O primeiro, 1989-1991, coincide com o final do século XX, segundo o historiador Eric Hobsbawm (1995⁷) e fica marcado por transformações geopolíticas e sociais. O segundo período, 2017-2019, representa a atualidade: uma sociedade multicultural, globalizada, com constantes inovações tecnológicas em que ao mesmo tempo se assiste a manifestações de movimentos sociais, ataques terroristas e crises de refugiados.

3.3. Dimensões de Análise

Consideram-se três dimensões de análise: uma corresponde aos temas abordados pela *National Geographic*; outra incide na representação geográfica dos artigos; e a terceira visa o gênero dos seus autores.

No que respeita à primeira dimensão consideram-se cinco categorias. A saber: Ambiente, Ciência & Inovação, Exploração & Aventura, Cultura & História, e Animais (Anexo A). Baseadas na tipologia utilizada pela *National Geographic* no seu website oficial, estas classificações foram ainda subdivididas em subcategorias, determinadas durante a exploração do material, a observar no Anexo B.

Já a segunda dimensão de análise trata da cobertura geográfica dos artigos, que tem merecido várias críticas ao longo dos anos por supostamente apresentar uma visão americana e/ou imperialista do mundo (Hawkins, 2010). Importa, então, analisar a distribuição dos artigos por região e a sua evolução para perceber qual o fundamento das acusações de racismo e xenofobia dirigidas à *National Geographic*.

Outro aspeto a atender é o gênero dos autores dos artigos, relevante pelo impulso de iniciativas feministas que advogam pela igualdade de gênero no campo dos media. A partir de 1975 a *UNESCO* colocou como prioridade a promoção da igualdade de gênero ao realizar vários eventos⁸ sobre questões relativas à discriminação das mulheres e à necessidade de estas se considerarem, politicamente, uma minoria social. No entanto, só em 1995, com a adoção da Plataforma de Ação de Pequim, é que essas preocupações se começaram a estender ao âmbito da comunicação e à relação entre as mulheres e os media. Este documento aborda os media como instrumentais na perpetuação de desigualdades de gênero e declara dois objetivos estratégicos para o setor: aumentar a participação e acesso das mulheres a posições de tomada de decisão; e fomentar uma imagem mediática mais equilibrada, não estereotipada da mulher e do seu papel na sociedade (Subtil & Silveirinha, 2017). Neste sentido, importa verificar se a *National Geographic*, enquanto publicação de referência, adotou tais metas e se se refletem na paridade de gênero dos autores dos artigos, especialmente na comparação entre os dois períodos temporais em estudo.

⁷ Em Age of Extremes - The Short Twentieth Century: 1914-1991.

⁸ Entre os quais Década Internacional das Mulheres que levou à formação do Dia Internacional da Mulher, celebrado anualmente a 8 de março.

3.4. Estratégia Metodológica

A dissertação assenta numa análise de conteúdos com tratamento quantitativo, de métodos mistos (intensiva e extensiva) – intensiva pois analisa um caso em profundidade (a *National Geographic*) e extensiva por efetuar uma comparação de vários dados (i.e. dois blocos temporais: 1989-1991 e 2017-2019). A pesquisa também versa sobre correlações porque estabelece uma relação entre observáveis, averiguando sobre as associações enunciadas nas hipóteses acima (Vala, 2007).

A escolha da técnica de análise de conteúdos justifica-se por se adequar ao estudo de metamorfoses de conteúdos. A quantificação dos temas abordados pela revista permite observar constantes, mudanças e resultantes que remetem, por inferência, para a questão de partida. Citando Bryman (2012), a análise de conteúdos é uma “approach to the analysis of documents and texts that seeks to quantify content in terms of predetermined categories and in a systematic and replicable manner” (p.290). Algumas vantagens desta técnica são a sua natureza não-obstrutiva e transparente de enviesamentos; e a facilidade de replicação devido à categorização clara (Vala, 2007; Bryman, 2012).

Na pesquisa realiza-se uma análise de conteúdos temática através da quantificação dos temas que se abordam numa unidade de codificação previamente determinada (Bardin, 2011).

O processo ocorre em cinco fases:

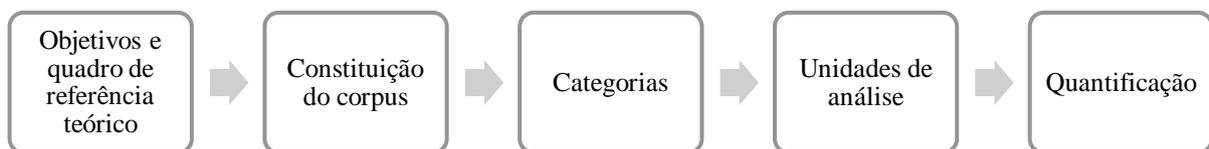


Figura 3.1 - Fases da análise de conteúdos - adaptado de Vala (2007).

Na primeira fase (objetivos e quadro de referência teórico) define-se a orientação da pesquisa e o quadro de referência baseado em conceitos-chave e teorias. Na segunda fase (constituição do corpus), realiza-se a seleção do material a ser pesquisado. Na terceira fase (categorias) procede-se à categorização, ou seja, definem-se os termos-chave que descrevem os conceitos a usar. Na quarta fase (unidades de análise) delimitam-se três unidades diferentes – registo, contexto e enumeração. As unidades de registo são as segmentações da categorização feita anteriormente; as unidades de contexto são o segmento mais alargado de cada unidade de registo; e as unidades de enumeração constituem a base para a quantificação. A quinta, e última fase da análise de conteúdos, é a quantificação que, caso seja quantitativa, pode tomar três direções distintas: análise de ocorrências (tendo como hipótese que quanto maior é o número de ocorrências, maior é a importância dada pelo emissor), avaliativa (para estudar as atitudes da fonte em relação ao objeto de estudo) ou estrutural (permite inferir sobre o sistema de pensamento da fonte) (Bardin, 2011; Vala, 2007).

Aplicando este modelo à presente pesquisa, chegou-se às seguintes delimitações:

Corpus: O corpus toma a forma das revistas da *National Geographic* a serem analisadas. No total são analisadas 72 revistas, sendo que 36 correspondem ao bloco de tempo 1989-1991 e outras 36 ao bloco de tempo 2017-2019.

Categorização: Esta categorização é feita a priori através da exploração das hipóteses, da análise do quadro de referência, e com a primeira exploração do corpus. Assim determinam-se as categorias de análise que se submetem a um teste de exaustividade e exclusividade para impedir a categorização nula ou dupla dos conteúdos. A categorização está presente no capítulo 3.3. Dimensões de Análise e no Anexo A.

Unidades de registo (ou subcategorias): Determinadas durante a exploração do material, explicitam-se na tabela presente no Anexo B. Nesta pesquisa as unidades de contexto coincidem com as categorias de análise devido à sua natureza já bastante descritiva e abrangente, relativamente às unidades de registo.

Unidades de enumeração: Número de artigos por categoria.

Quantificação: A quantificação de artigos no que respeita a dados específicos, de fácil consulta e comprovação (incluindo quantidade por revista, tamanho, número de imagens, género do autor e representação geográfica) realiza-se através de observação direta e/ou contagem. Já a quantificação por categorias e unidades de registo decorre pelo método indutivo da primeira impressão do tema do artigo. Nesta pesquisa utilizou-se o método de análise de ocorrências para a quantificação.

3.5. Análise de Dados

Os dados obtidos no processo de quantificação são submetidos no Microsoft Excel e organizados de forma a denotar:

- Número de artigos por revista;
- Tamanho dos artigos (número de páginas);
- Quantidade de imagens por artigo;
- Género dos autores dos artigos;
- Número de artigos por categoria e subcategoria em cada revista, ano, bloco temporal e no seu total;
- Representação geográfica dos artigos.

Posteriormente elaboram-se gráficos inerentes aos pontos anteriores, relevantes para a comparação de dados que se mostram no Capítulo IV – Análise de Conteúdos.

Capítulo IV - Análise de Conteúdos

A análise a realizar centra-se na metamorfose de conteúdos da revista *National Geographic* entre o séc. XX e séc. XXI, nomeadamente entre 1989-1991 e 2017-2019. Também se aborda a representação geográfica dos conteúdos e a paridade de género dos autores dos artigos por ano e por bloco temporal.

Para obter dados de referência que permitam contextualizar a amostra a estudar conduziu-se primeiramente uma análise mais geral que contempla o número de artigos por revista, o tamanho dos mesmos (por número de páginas) e o número de fotografias em cada artigo.

O tamanho total da amostra é de 413 artigos, dos quais 208 pertencem ao bloco temporal 1989-1991 e 205 ao período entre 2017 e 2019. A distribuição de artigos por ano pode observar-se no gráfico abaixo (Quadro 4.1).

Quadro 4.1 - Número de artigos por ano na revista *National Geographic*.

Ano	1989	1990	1991	2017	2018	2019	Total	Média / Ano
Artigos	75	66	67	75	66	64	413	68,8

Como se verifica, o número de artigos por ano vai variando entre 64 e 75, o que se traduz numa média de 69 artigos por ano, ou seja, cerca de 6 artigos por revista. De relembrar que a revista é mensal, com 12 edições por ano.

Em termos de número de páginas e imagens, constatou-se que no primeiro bloco existem, em média anual, 1593 páginas dedicadas aos artigos e 1425 imagens; donde, cada artigo tem em média cerca de 23 páginas com uma média de 20 imagens. Já no segundo bloco regista-se uma média de 702 imagens por ano e os artigos correspondem a uma média, também por ano, de 1279 páginas. Assim, cada artigo também tem em média, cerca de 19 páginas com 10 imagens. O Quadro 4.2 mostra o número específico de páginas por artigo e imagens em cada ano, bem como as respetivas médias.

Quadro 4.2 - Número de páginas e imagens na revista *National Geographic* por ano e artigo.

	Bloco 1989 - 1991					Bloco 2017 - 2019				
	1989	1990	1991	Média /ano	Média /artigo	2017	2018	2019	Média / ano	Média / artigo
Páginas	1577	1592	1610	1593	22,97	1333	1285	1215	1278	18,70
imagens	1485	1456	1335	1425	20,55	743	696	666	702	10,27

Com esta observação conclui-se que o conteúdo visual teve maior foco no primeiro bloco temporal e que o tamanho dos artigos diminuiu do primeiro para o segundo período.

4.1. Autores dos Artigos

O género dos autores dos artigos constituiu o indicador relativo à igualdade de género na *National Geographic*, contabilizando o número de artigos por género do autor (masculino e feminino) por ano e

bloco temporal. Essa contagem, ou comparação, está no Quadro 4.3, e os mesmos dados em percentagem podem consultar-se no Anexo C.

Quadro 4.3 - Número de autores por género do autor por ano e bloco temporal na revista National Geographic.

	1989	1990	1991	Bloco 89-91	2017	2018	2019	Bloco 17-19
G. Feminino	9	7	9	25 (11%)	26	32	33	91 (45%)
G. Masculino	74	64	61	199 (89%)	45	34	31	110 (55%)

A tabela acima mostra a diferença entre o número de artigos assinados por mulheres e homens no primeiro bloco temporal (1989-1991); muito acentuada pois apenas 11% dos artigos têm entre os seus autores pelo menos uma mulher. Os homens dominaram a revista no final dos anos 80 e início dos anos 90 e o mesmo ocorre na direção da revista: nesta altura, todos os membros eram homens.

No segundo bloco, 2017-2019, aumentou a representatividade das mulheres, contabilizando 37% dos autores em 2017 e 51% em 2019. Neste período temporal, apesar de a cadeira da presidência continuar ocupada por um homem, Gary Knell, a partir de 2014 e pela primeira vez na história da revista, aparece uma mulher na direção: Susan Goldberg, como *editor-in-chief*.

Em suma, o número de artigos assinados por mulheres aumenta 40% no intervalo de 30 anos que compreendem o início e fim dos blocos temporais. O que se afigura um avanço significativo. A inclusão de um membro feminino nas camadas administrativas da revista também representa um passo em direção à igualdade de género.

4.2. Análise de Conteúdo das Revistas da National Geographic

Como referido no Capítulo III – Metodologia, determinaram-se cinco categorias gerais das quais derivam vinte e uma subcategorias ou unidades de registo. A seguir analisa-se, primeiramente, a distribuição de artigos por categoria e a sua evolução ao longo dos blocos temporais; análise aprofundada com recurso às unidades de registo, no ponto 4.2.1. Categorização por Subcategorias.

A distribuição⁹ de artigos por categoria, por ano e bloco temporal consta no Quadro 4.4., com grandes variações na distribuição de conteúdos pelas categorias ao longo do tempo. E comparecem, de forma mais visual, no Anexo D.

⁹ Distribuição calculada na forma de percentagem de artigos de cada categoria em relação ao total de artigos por ano. Estes valores relativos permitem uma comparação fiável entre si.

Quadro 4.4 - Percentagem de artigos de cada categoria por ano e bloco temporal.

	1989 %	1990 %	1991 %	Bloco 89 – 91 %	2017 %	2018 %	2019 %	Bloco 17 – 19 %
Ambiente	8,0	13,6	11,9	11,1	14,7	12,1	20,3	15,6
Animais	9,3	13,6	20,9	14,4	17,3	27,3	18,8	21,0
Ciência & Tecnologia	13,3	9,1	9,0	10,6	17,3	10,6	15,6	14,6
Cultura & História	60,0	56,1	50,7	55,8	45,3	48,5	43,8	45,9
Exploração & Aventura	9,3	7,6	7,5	8,2	5,3	1,5	1,6	2,9

No primeiro bloco temporal existe um foco especial em *Cultura & História*, representando em média 55,8% dos artigos, apesar da diminuição de 9,3% de 1989 para 1991. Já *Animais* duplica o seu registo, totalizando um aumento de 11,6%, e, ainda, os artigos sobre *Ambiente* subiram ligeiramente, com acréscimo de 3,9%. Pelo contrário, tanto *Exploração & Aventura* como *Ciência & Tecnologia* sofreram um ligeiro decréscimo, de cerca de 1,9% e 4,4% respetivamente.

No segundo bloco as variações são mais inconstantes pois as percentagens de 2018 apresentam-se atípicas quando colocadas no contexto da evolução entre 2017 e 2019. Neste ano Gart Knell tornou-se CEO da *National Geographic Partners* (Gibbens, 2018) e levou a cabo uma reestruturação da empresa com *lay-offs* e a dissolução de algumas posições (Holloway, 2018). Possivelmente tais mudanças perturbaram a consistência de conteúdos e a comunicação entre departamentos, causa para o desvio observado. Voltando à análise das distribuições, verifica-se, em média, um aumento na percentagem de artigos referentes a *Ambiente* (+5,6%) e *Animais* (+1,5%), e uma descida das restantes categorias: uma baixa de 1,7% em *Ciência & Tecnologia*, 1,5% em *Cultura & História* e 3,7% em *Exploração & Aventura*.

Ao proceder à comparação entre blocos, discerne-se maior relevo das categorias *Ambiente*, *Animais* e *Ciência & Tecnologia* em 4,5%, 6,6% e 4,0% respetivamente, subidas que sugerem um aumento do interesse pela proteção e conservação ambiental e igualmente pela inovação científica. Houve ainda um decréscimo significativo na percentagem de artigos de *Cultura & História* (-9,9%) e *Exploração & Aventura* (-5,3%). A quebra em *Cultura & História* não afetou a clara dominância da categoria, podendo explicar-se pela maior atenção à qualidade dos artigos ao invés da quantidade dos mesmos. O que se reflete nos prémios atribuídos à revista no segundo bloco temporal (descritos em maior detalhe no capítulo 4.2.1. Categorização por subcategorias). Já a diminuição da quantidade de artigos sobre *Exploração & Aventura* poderá advir da perda de lucros da revista (que levaria à sua aquisição pela Walt Disney), dificultando a realização de expedições e viagens que frequentemente acompanham e inspiram este tipo de conteúdos (Harvey, 2019).

4.2.1. Categorização por subcategorias

Os próximos parágrafos abordam em maior detalhe as categorias *Ambiente*, *Ciência & Tecnologia*, *Exploração & Aventura* e *Cultura & História*¹⁰. A quantificação nas tabelas aparece em valores absolutos (número de artigos em cada subcategoria) e relativos (percentagem em relação ao total de artigos da categoria em estudo). Apresenta-se a análise por bloco temporal de modo a resumir os resultados.

Ambiente

A seguinte tabela demonstra a distribuição de artigos pelas várias subcategorias de *Ambiente*: *Desastres Naturais*, *Desastres Humanos*, *Natureza*, *Conservação* e *Aquecimento Global*.

Quadro 4.5 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria *Ambiente*.

Ambiente	Bloco 89-91	%	Bloco 17-19	%	Total Blocos	%
Desastres Naturais	4	17,39	0	0,00	4	7,27
Desastres Humanos	2	8,70	2	6,25	4	7,27
Natureza	7	30,43	7	21,88	14	25,45
Conservação	5	21,74	14	43,75	19	34,55
Aquecimento Global	5	21,74	9	28,13	14	25,45
TOTAL (Ambiente)	23	100	32	100	55	100

Da observação da tabela constata-se que o tópico *Natureza* foi o mais abordado no primeiro bloco temporal, correspondendo a cerca de 30,4% do total de artigos. No patamar seguinte *Conservação* e *Aquecimento Global* têm igual representatividade (21,7%). Quanto ao segundo bloco temporal, a temática *Conservação* predominou com 34,6% dos artigos, seguida de *Aquecimento Global* e *Natureza*, ambos os casos com o mesmo valor (25,5%).

Comparando os dois blocos conclui-se que a preocupação com questões ambientais se manteve relativamente constante na história da revista, no entanto com algumas nuances nos tópicos específicos. A *Conservação*, por exemplo, aumentou em 22% a sua representatividade, juntamente com *Aquecimento Global* que acumula uma subida de 6,4 pontos percentuais, enquanto *Desastres Naturais* desce de 4 artigos no primeiro bloco temporal para nenhum. Quanto às subcategorias *Desastres Humanos* e *Natureza*, mantêm o número de artigos, mas perdem representatividade devido ao crescimento da categoria *Ambiente*.

Ciência e Tecnologia

O Quadro 4.6 mostra a distribuição de artigos dentro da categoria de *Ciência & Tecnologia*, dividida nas subcategorias de *Saúde*, *Biologia*, *Astronomia*, *Física* e *Tecnologia*.

¹⁰ A categoria *Animais* não será explorada nesta secção pois não contém subcategorias.

Quadro 4.6 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria *Ciência & Tecnologia*.

Ciência & Tecnologia	Bloco 89-91	%	Bloco 17-19	%	Total	%
Saúde	5	22,73	13	43,3(3)	18	34,61
Biologia	3	13,64	3	10,00	6	11,54
Astronomia	4	18,18	7	23,3(3)	11	21,15
Física	2	9,09	0	0,00	2	3,85
Tecnologia	8	36,36	7	23,3(3)	15	28,85
Total (Ciência & Tecnologia)	22	100	30	100	52	100

No primeiro bloco temporal (1989-91), *Tecnologia* assume-se como o tópico mais popular, correspondendo a 36,4% do total de artigos de *Ciência & Tecnologia*, seguindo-se de *Saúde* (22,7%) e depois *Astronomia* (18,2%). No segundo bloco *Saúde* passa a ser a temática mais abordada, com 43,3% dos artigos a si atribuídos, e *Tecnologia* desce para uma representatividade de 23,3%, ficando a par com *Astronomia*.

A maior diferença entre os dois períodos temporais está no crescimento de 20,6% na subcategoria *Saúde*. Estes artigos tanto abordam a saúde física e mental, como processos científicos relacionados com medicina. Uma outra mudança, algo inesperada, prende-se com a decréscimo de 13% em *Tecnologia*.

Exploração & Aventura

O Quadro 4.7 tem a distribuição de artigos na categoria *Exploração & Aventura*, dividida nas subcategorias *Aventura* e *Viagens*.

Quadro 4.7 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria *Exploração e Aventura*.

Exploração & Aventura	Bloco 89 - 91	%	Bloco 17 - 19	%	Total	%
Aventura	10	58,83	5	83,33	15	65,22
Viagem	7	41,18	1	16,67	8	34,78
Total (Exploração & Aventura)	17	100	6	100	23	100

Em 1989-91 a quantidade de artigos sobre *Aventura* correspondeu a 58,9% do total da categoria, enquanto *Viagens* reclamou 41,2% dos artigos. No segundo período, as proporções alteram-se respetivamente para 83,3% e 16,7% a par da descida do número total de artigos. A diminuição da representatividade do tópico *Viagens* pode explicar-se pelo facto de, entre 2017 e 2019, se ter dado preferência a excursões em que os autores testam as suas capacidades de resistência e tolerância, como nas viagens ao deserto, montanhas e outros ambientes inóspitos, transformando a viagem numa aventura.

Cultura & História

Cultura & História predomina na revista *National Geographic* em ambos os períodos. Dentro desta categoria incluem-se as temáticas de *História*, *Património*, *Sociedade* (i.e., assuntos sociais), *Etnografia* (i.e., festividades e tradições culturais), *Urbanismo*, *Antropologia*, *Arte & Artistas* e *Personalidades*.

Quadro 4.8 - Quantificação de artigos por subcategorias na categoria *Cultura & História*.

Cultura & História	Bloco 89 - 91	%	Bloco 17 - 19	%	Total	%
História	29	25,00	14	14,89	43	20,48
Património	5	4,31	0	0,00	5	2,38
Sociedade	30	25,86	38	40,43	68	32,38
Etnografia	7	6,04	3	3,19	10	4,76
Urbanismo	6	5,17	6	6,38	12	5,71
Antropologia	30	25,86	25	26,60	55	26,19
Arte & Artistas	3	2,59	3	3,19	6	2,86
Personalidades	6	5,17	5	5,32	11	5,24
Total (Cultura & História)	116	100	94	100	210	100

O Quadro 4.8. (acima) dá a distribuição de artigos pelas subcategorias de *Cultura & História*. Os tópicos mais abordados no primeiro período (1989-91) constituíram *Antropologia* e *Sociedade*, cada um com 25,9% do total de artigos na categoria. Seguiu-se *História* com 25%, e, por fim, as restantes temáticas que correspondem, em conjunto, a 23,3% dos artigos. No segundo período as posições de topo mantêm-se, mas alteram-se proporções: *Sociedade* passa a corresponder a 40,4%; *Antropologia* a 26,6% e *História* a 14,89%.

Do primeiro para o segundo período os artigos sobre *Sociedade* sobem 14,6%. Nesta subcategoria insere-se um conjunto de artigos, datados de janeiro de 2017, intitulados “Revolução de Género” com a primeira abordagem do tema pela revista. A reportagem rendeu à *National Geographic* o prémio principal dos “National Magazine Awards”¹¹ (também conhecidos como *Ellies*), e uma nomeação para os *Pulitzer Prizes*, dos quais foi finalista (Daly, 2018). Outra mudança a assinalar de 1989-91 para 2017-19 está na diminuição de artigos sobre *História*; em confronto com o aumento na representatividade de *Sociedade*, sugere que a *National Geographic* se redirecionou para assuntos atuais ao invés do foco no passado.

4.3. Análise Geográfica da Revista *National Geographic*

Este capítulo apresenta a cobertura geográfica dos artigos da *National Geographic*. Como se referiu no capítulo 3.3. Dimensões de Análise), com vista a averiguar se a revista promove uma visão ocidental

¹¹ Prémios entregues pela Sociedade Americana de Editores de Revistas, associada à Faculdade de Jornalismo da Universidade de Columbia.

e/ou americanizada do mundo, segundo alguma crítica. Para tal, quantificaram-se, primeiro, as menções a cada país para a comparação de ocorrências relativas aos Estados Unidos da América e outros países mais abordados. Também se olha para a cobertura do Ocidente em relação ao Oriente e a posição de cada continente. Note-se que há artigos com referência a mais de um país ou continente, e outros sem ligação a áreas geográficas (referidos adiante por n.d.¹²), pelo que os dados abaixo não são cumulativos.

O Quadro 4.7 expõe a quantificação absoluta e relativa do número de artigos referentes aos cinco países mais mencionados. A contagem acumula os dados dos dois blocos temporais (1989-91 e 2017-19).

Quadro 4.7 - Quantificação de menções dos 5 países mais populares (total dos dois blocos temporais 1989-91 e 2017-19).

Pais	Total	%
EUA	131	24,90
Canadá	17	3,23
França	15	2,85
Índia	14	2,66
Japão	10	1,90

De facto, os Estados Unidos da América são o país mais citado, com 24,9% das menções. Seguem-se, por ordem decrescente, Canadá (3,2%), França (2,9%), Índia (2,7%) e Japão (1,9%). Mesmo somados apenas representam 10,7% do número total de artigos – menos de metade que os EUA.

Parece então haver algum fundamento nas críticas que acusam a *National Geographic* de centramento ocidental e, porventura, visão imperialista do mundo. Para além dos EUA convocarem claramente maior atenção (como se destaca no quadro 4.8), o segundo país mais popular (Canadá) também pertence à América do Norte. Com a França, novamente um país ocidental, no terceiro lugar, só a Índia e o Japão fogem à regra neste pódio de países com ausência do hemisfério sul.

Quadro 4.8 - Percentagem de artigos referentes aos EUA, restantes países (“Outros”) e com área geográfica não definidos por bloco temporal.

	Bloco 89 – 91 (%)	Bloco 17 -19 (%)
EUA	31,30	19,29
Outros	62,60	68,93
n.d.	6,10	11,79

Quanto à evolução comparativa de menções aos EUA e demais países os EUA perderam cerca de 12% nas referências por algum processo de descentralização geográfica. Esta inferência apoia-se nos

¹² Área geográfica não definida.

dados do Anexo E em que a variedade de países aumentou no segundo bloco temporal (2017-19). Em particular, menções a países da América do Sul, África e Ásia.

A quantidade percentual no Quadro 4.9 dá as menções por continentes e blocos temporais, também com o seu total; a distribuição por ano está no Anexo F.

Quadro 4.9 - Quantificação relativa das menções a cada continente por bloco temporal e no total.

Áreas Geográficas	Bloco 1989 – 1991 (%)	Bloco 2017 – 2019 (%)	Total (%)
Europa	18,29	9,64	13,69
América do Norte	35,37	24,64	29,66
América Central	3,25	2,50	2,85
América do Sul	4,88	7,86	6,46
África	12,20	14,64	13,50
Ásia	15,45	24,29	20,15
Oceânia	2,44	1,07	1,71
Ártico	0,81	2,14	1,52
Antártica	1,22	1,43	1,33
n.d.	6,10	11,79	9,13

Comprovando os dados anteriores, a América do Norte (35,4%) dominou no primeiro bloco temporal, seguida da Europa e Ásia, respetivamente com 18,3% e 15,5% das menções. No segundo bloco, ainda que a América do Norte continuasse como o continente mais popular, o valor desceu para 24,6%, aproximando-se da Ásia que contabiliza neste período 24,3% das menções. África ganhou visibilidade, assumindo-se como o terceiro continente mais referido, enquanto o interesse pela Europa declinou na ordem de 8,65 pontos percentuais.

Capítulo V - Conclusão

A presente dissertação apresentou uma análise de conteúdos da revista *National Geographic*, procurando observar se e de que modo reflete a passagem do século XX para o século XXI. Para o efeito selecionaram-se dois períodos temporais, 1989-1991 e 2017-2019 com elementos que singularizam e representam a viragem de séculos.

O objetivo da análise foi evidenciar a metamorfose de conteúdos da revista, averiguada pelo montante de artigos por categoria temática e por bloco temporal; adicionalmente, estudou-se a representatividade geográfica dos artigos e de género dos seus autores. Em paralelo, atentou-se nos acontecimentos em cada período, com comparações entre cada um para a inferência de mudanças de paradigma com eventual influência na *National Geographic*.

A pergunta de partida teve o seguinte ajustamento: que diferenças paradigmáticas explicam a metamorfose de conteúdos na revista *National Geographic* entre os blocos temporais 1989-1991 e 2017-2019? Ao que se seguiram as hipóteses: 1. Os tópicos abordados pela *National Geographic* mudam entre os dois períodos temporais; 2. Todas as áreas geográficas são representadas igualmente na revista *National Geographic*; 3. Existe um número equilibrado de autores do género masculino e género feminino a contribuir para a revista *National Geographic*; 4. Ocorreram mudanças paradigmáticas entre os dois blocos temporais.

O teste das hipóteses confronta-as com os dados estatísticos obtidos no Capítulo IV (Análise de Conteúdos) e com o Quadro de Referência Teórico elaborado no Capítulo II.

Hipótese 1

A veracidade desta hipótese depende da evolução da representatividade de cada categoria e subcategoria de artigos. Em primeiro lugar nota-se que a passagem de 1989-91 para 2017-19 incrementou o volume de artigos nas categorias *Animais*, *Ambiente* e *Ciência & Tecnologia*. Ao inverso, diminuíram para *Cultura & História* e *Exploração & Aventura*, embora estas mudanças não afetem a ordem de popularidade das categorias, que se manteve constante.

Um debruçar sobre as subcategorias permite discernir mudanças mais visíveis entre os períodos temporais. Nomeadamente, para a categoria *Ambiente* que se impôs pela subida das subcategorias *Conservação* e *Aquecimento Global*, com acréscimos de respetivamente 22% e 6,4%. Na temática de *Ciência & Tecnologia* denotou-se o aumento de interesse em *Saúde* (+20,6%) e a estagnação no tópico *Tecnologia* que manteve o número de artigos, mas perdeu importância relativa em treze pontos percentuais. Quanto a *História & Cultura*, entre os dois blocos temporais ocorreram as seguintes curvas: enquanto que o item *Sociedade* aumentou 14,6%, *História* decresceu 10,1%. Por fim, a categoria *Exploração & Aventura* não regista diferenças de maior, salvo variações pelo decréscimo do seu número total de artigos entre 1989-91 e 2017-19.

Assim comprova-se que os conteúdos da *National Geographic* sofreram alterações, principalmente no que respeita a subcategorias. Apesar de estas mudanças não serem grandes, manifestam diferenças fundamentais na abordagem aos conteúdos, pelo que a hipótese 1 (“os tópicos abordados pela *National Geographic* mudam entre os dois períodos temporais”) é verdadeira.

Hipótese 2

A contabilização das menções por país no total acumulado dos dois blocos temporais comprova imediatamente a dominância dos Estados Unidos da América, país referenciado em praticamente um quarto dos artigos (24,9%). Seguem-se, por ordem decrescente, Canadá, França, Índia e Japão que, mesmo em conjunto, totalizam apenas 10,7% das menções. Ainda assim, destaque-se que as referências aos EUA decresceram em 12% entre os blocos temporais.

A quantificação por continente segue em linha com estes dados: entre 1989 e 1991 a América do Norte é a área mais evocada, com 33,4%, e a tendência permanece em 2017-19, muito embora atenuada pelo decréscimo de cerca de 11%. O segundo bloco também tem menor clivagem entre áreas geográficas e com aproximações entre a América do Norte e a Ásia, já em segundo lugar em popularidade, só se separando por 0,3 pontos percentuais. Finalmente, África também entrou no pódio, destronando a Europa.

Ainda assim, as disparidades geográficas continuam a inibir a descentralização com o topo para a América do Norte, especialmente para os Estados Unidos da América, pelo que a hipótese 2 (“todas as áreas geográficas são representadas igualmente na revista *National Geographic*”) é falsa.

Hipótese 3

A condição de género dos autores dos artigos apresenta diferenças notáveis entre os dois períodos. De uma revista dominada por homens em 1989-91, e homens que assinaram quase 90% dos artigos, passou-se para a maior representatividade das mulheres, atingindo-se a paridade de género em 2019.

Esta evolução, apesar de significativa, é bastante recente e não colmata a herança da desigualdade na estatística de autorias. Considerando em conjunto os dois períodos, os homens totalizam em média 72,7% dos autores e as mulheres 27,2%, provando a falsidade da hipótese 3, a saber, “existe um número equilibrado de autores do género masculino e género feminino a contribuir para a revista *National Geographic*”. No entanto, a conclusão não desmerece o impulso de 40% para as autoras nas três décadas em causa; uma evolução com implicações na resposta à pergunta de partida.

Hipótese 4

A revisão de literatura conduzida no Capítulo II assinalou significativas mudanças entre 1989-91 e 2017-19 para a sociedade a ponto de se classificarem como viragens de paradigma.

Uma destas mudanças, catalisada pelo nascimento da Internet, prende-se com o acelerar de processos de globalização, especialmente na vertente da comunicação. Com o encurtar de distâncias

espaciais e temporais, o mundo transforma-se numa aldeia global em que a informação e o conhecimento são cada vez mais acessíveis e democratizados.

A globalização potenciou também o aumento da consciencialização e discussão de questões pós-coloniais e dos direitos das minorias, o que se traduziu num crescimento de movimentos sociais versando problemáticas raciais, LGBT+, feministas e ambientalistas. Estas iniciativas não só impactam a opinião geral do público, transformando a sociedade, mas também se traduzem frequentemente em legislação e tomadas de decisão política.

A hipótese 4 (“ocorreram mudanças paradigmáticas entre os dois blocos temporais”), é, pois, verdadeira.

Em suma, confirmam-se como verdadeiras as hipóteses 1 e 4 e como falsas as hipóteses 2 e 3, tal como se explicita abaixo:

Quadro 5.1 - Veracidade das hipóteses.

H1: Os tópicos abordados pela <i>National Geographic</i> mudam ao longo do tempo.	V
H2: Todos as áreas geográficas são representadas igualmente na revista <i>National Geographic</i> .	F
H3: Existe um número equilibrado de autores do género masculino e género feminino a contribuir para a revista <i>National Geographic</i> .	F
H4: Ocorreram mudanças paradigmáticas entre os dois blocos temporais.	V

Chega o momento de responder à pergunta de partida: Que diferenças paradigmáticas explicam a metamorfose de conteúdos na revista *National Geographic* entre os blocos temporais 1989- 1991 e 2017-2019?

Atentando nas hipóteses verdadeiras, i.e., H1 e H4, os tópicos abordados pela revista mudaram no decurso temporal em estudo e neste ocorreram alterações de paradigma. Resta agora analisar a relação entre estes dois aspetos, averiguando a permeabilidade da *National Geographic* ao calendário global: como é que os acontecimentos mundiais afetam os conteúdos publicados, como pautam cada bloco temporal, e em que termos a revista procede a este agendamento.

Apesar da *National Geographic* não mencionar diretamente os principais tópicos do momento, no sentido em que não se assume como uma publicação de notícias, é possível intuir certas tendências por blocos temporais que acompanham o estado do mundo e as mudanças de paradigma. Por exemplo, o aumento de artigos nas categorias *Animais* e *Ambiente*, e, dentro desta última, com o destaque para a *Conservação* e *Aquecimento Global*, acompanha a consciencialização e interesse do público por temáticas ambientalistas. Inerentes a um mundo pautado por desastres naturais e alterações climáticas que geraram iniciativas em defesa do clima e criação de legislação específica nesse âmbito. Por outro lado, o crescimento do tópico *Sociedade* que se insere na categoria *História & Cultura* aponta para um

mundo globalizado em que a Internet assume um papel-chave para a constituição de sociedades em rede em que se comungam questões e debates entre diferentes realidades e culturas.

Os dados obtidos para a análise das hipóteses 2 e 3 também fornecem indicações importantes para a resposta à pergunta de partida. Apesar da geografia inigualitária na *National Geographic*, favorecendo a América do Norte e especificamente os Estados Unidos da América, as discrepâncias esbateram-se na atualidade (2017-19). As discussões de cariz póscolonial e social ganham relevância e amplitude e, por conseguinte, o público exige mais dos media a representatividade abrangente do mundo, dando palco a narrativas subalternas e não só ocidentais. A *National Geographic* parece acompanhar estas tendências ao caminhar progressivamente no sentido da descentralização.

Os progressos na igualdade de género também se destacam com o aumento de autoras na ordem de 40% entre 1989 e 2019, o que permitiu à revista alcançar a distribuição paritária neste último ano. Além disso, destaca-se a entrada de Susan Goldberg para a direção em 2014 – algo que não acontecera desde a formação da revista. Assim, a *National Geographic* revela um comprometimento com os objetivos da Plataforma de Ação de Pequim (1995) para a igualdade de género na área da comunicação e dos media, por sua vez reflexo do feminismo e da valorização em geral desta temática.

Considerações finais

A principal limitação deste estudo consistiu em apenas usar métodos quantitativos, o que impede a análise aprofundada dos temas nos artigos. Adicionalmente, a codificação dos temas foi realizada por um só investigador (sem o controlo de outro olhar), apesar do cuidado em reavaliar os artigos e respetiva codificação ao longo de todo o processo, prevenindo erros por mudanças de perspetiva. Por fim, refira-se que os resultados se limitam à edição americana da *National Geographic*, podendo existir diferenciações nas publicações noutros países.

Em todo o caso, a pesquisa abriu portas para mais análises sobre o modo como os media representam o mundo, em particular nas publicações nacionais com alcance global, caso da *National Geographic*. Em que medida se responsabilizam os media por acompanhar os acontecimentos globais? Será possível, num mundo em constante mudança, atender a alterações de paradigma com um agendamento imparcial? Deverá uma publicação deste género votar-se à missão de educar os seus leitores e promover o debate, ou manter os seus artigos livres de controvérsia, sem provocar clivagens entre diferentes grupos e ideias? São questões que ficam para a reflexão, assim como a de saber se para revistas nacionais, como a *National Geographic*, justifica-se priorizar os assuntos do seu próprio país ou se, até pelo seu alcance mundial, devem assumir uma representação diversificada e descentralizada. O mundo isso requer com a pluralização das identidades (geracional, sexual, social, cultural, ideológica, política, etc.) em detrimento da identidade nacional. Como construir nos media uma voz planetária, com espaço para as diferenças e pontes entre elas, é o tema para mais pesquisas.

Referências Bibliográficas

- Appadurai, A. (1990). Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory, Culture & Society*, 7(2-3), 295–310.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bhabha, H.K. (1994). *The location of culture*. Londres: Routledge.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (4th ed.). New York: Oxford University Press.
- Calefato, P. (2004). Introdução in Spivak, G. (Eds.), *Critica della ragione postcoloniale* (p.9). Roma: Meltemi Editore.
- Castells, M. (2002). A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (Vol. I). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chatterjee, P. (2012). After Subaltern Studies. *Economic and Political Weekly*, 47(35), 44–49.
- Costa, F., G. (2016). Rotas De Sentidos: Pós-colonialismo e Globalização, *Rotas de Signos. Encontro Anual da AULP. Dili: Universidade de Macau*.
- Curtin, S., Abma, J., Ventura, S. & Henshaw, S. (2013). Pregnancy Rates for U.S. Women Continue to Drop. *NCHS data brief*, 136, 1-8.
- Giddens, A. (2000). *O Mundo na Era da Globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- Guasch, A., M. (2018). *The Codes of the Global in Twenty-first Century*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Hall, S. (1992). The Question of Cultural Identity. In Hall, S., Held, D., & McGrew, T. (Eds.), *Modernity and Its Futures*. Cambridge: Open University Press.
- Hawkins, S., L. (2010). *American Iconographic – National Geographic, global culture and Visual Imagination*. Virginia: University of Virginia Press.
- Hobsbawm, E. J. (1995). *Age of extremes: The short twentieth century, 1914-1991*. Londres: Abacus.
- McQuail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Neves, R., C. (2009). Os Estudos Pós-Coloniais: um Paradigma de Globalização. *Babilónia - Revista Lusófona De Línguas, Culturas E Tradução*, 0(06/07), 231-239.
- Patterson, T. (1980). The Role of Mass Media in Presidential Campaigns: The Lesson of 1976. *Items*, 34(2), 25-30.
- Patterson, T., McClure, R. (1976). *The Unseeing Eye: The Myth of Television Power in National Politics*. Nova Iorque: Putnam.
- Pott, C., M. & Estrela, C., C. (2017). Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. *Estudos Avançados*, 31(89), 271-283.
- Ritzer, G. (2003). Rethinking globalization: glocalization/globalization and something/nothing. *Sociological Theory*, 21(3), 193-209.
- Ritzer, G. (2006). *The Globalization of Nothing*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- Robertson, R. (1992). *Globalization: Social Theory and Global Culture*. Londres: Sage.
- Roudometof, V. (2016). Theorizing glocalization: Three interpretations. *European Journal of Social Theory*, 19(3), 391-408.
- Said, E. W. (1978). *Orientalism*. Nova Iorque: Pantheon Books.
- Santos, B. S. (1997). Uma concepção multicultural de direitos humanos. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (39), 105-124.

- Shaw, E. (1979). Agenda-Setting and Mass Communication Theory. *Gazette (International Journal for Mass Communication Studies)*, 25(2), 96-105.
- Spivak, G. (1988). Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In *Other Worlds: Essays in Cultural Politics*. Londres: Routledge.
- Spivak, G. (1993). Can the Subaltern Speak? In Williams, P & Chrisman, L. (Eds.), *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. Londres: Harvester Wheatsheaf.
- Subtil, J. & Silveirinha, M., J. (2017). Planos de igualdade de género nos media: para uma (re)consideração do caso português. *Media & Jornalismo*, 17(30), 43 – 61.
- Vala, J. (2007). A análise de conteúdo. In Santos Silva, A. & Pinto, J. M. (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Verma et al. (2011). *A Situational Analysis on "National Geographic" - an international media organization*. Acedido a 21 março 2019, disponível em https://www.academia.edu/1891915/A_Situational_Analysis_on_National_Geographic_-_an_international_media_organization
- Waters, M. (1995). *Globalization*. Londres: Routledge.
- Wolf, M. (2006). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Webgrafia

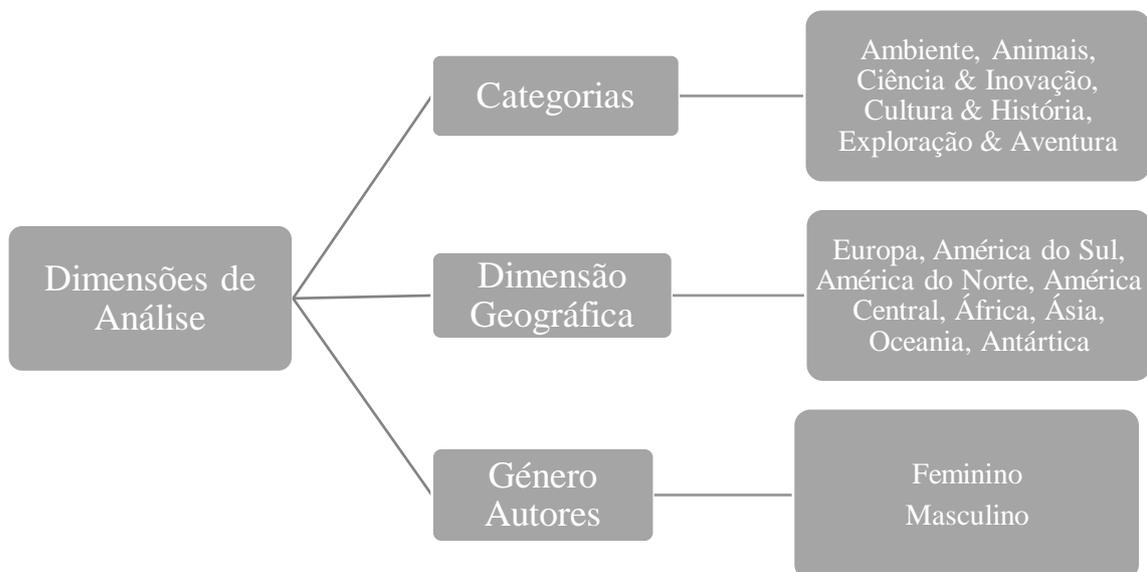
- AFP (2017, 30 dezembro). 12 events around the world that marked 2017. *Daily Nation*. Acedido a 05 maio 2020, disponível em <https://www.nation.co.ke/news/world/Key-world-events-2017/1068-4245868-96tne/index.html>
- BBC (2018, 9 fevereiro). *Shutdown averted as Trump signs budget bill*. Acedido a 05 agosto 2020, disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-42999286>
- BBC. (2020, 24 fevereiro). *Harvey Weinstein timeline: How the scandal unfolded*. Acedido a 07 maio 2020, disponível em <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-41594672>
- Coughlan, S. (2018, 12 dezembro). 2018 'worst year for US school shootings'. *BBC*. Acedido a 05 agosto 2020, disponível em <https://www.bbc.com/news/business-46507514>
- Daly, N. (2018, 14 março). National Geographic Wins National Magazine Award for Gender Revolution. *National Geographic*. Acedido a 05 abril 2020, disponível em <https://www.nationalgeographic.com/news/2018/02/national-geographic-magazine-awards-nominations-asme-ellies-spd/>
- Day, E. (2015, 19 julho). #BlackLivesMatter: the birth of a new civil rights movement. *The Guardian*. Acedido a 17 agosto 2017, disponível em <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/19/blacklivesmatter-birth-civil-rights-movement>
- Farhi, P. (2015, 9 setembro). National Geographic gives Fox control of media assets in \$725 million deal. *Washington Post*. Acedido a 18 abril 2020, disponível em https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/national-geographic-magazine-shifts-to-for-profit-status-with-fox-partnership/2015/09/09/7c9f034e-56f0-11e5-8bb1-b488d231bba2_story.html
- Fernandes, M. (2001, 9 abril). Edição portuguesa da National Geographic conta já com 15 mil assinantes. *Público*. Acedido a 05 novembro 2019, disponível em <https://www.publico.pt/2001/04/09/portugal/noticia/edicao-portuguesa-da-national-geographic-counta-ja-com-15-mil-assinantes-18309>

- Gerova, V. (2019, 30 dezembro). 2010-2019: Natural Disasters That Rocked The World This Decade. *10 Daily*. Acedido a 19 maio 2020, disponível em <https://10daily.com.au/news/world/a191204eszln/2010-2019-natural-disasters-that-rocked-the-world-this-decade-20191230>
- Gibbens, S. (2018, 9 fevereiro). National Geographic's New CEO on How He Plans to Lead. *National Geographic*. Acedido a 17 setembro 2020, disponível em <https://www.nationalgeographic.com/news/2018/02/gary-knell-ceo-national-geographic-media-journalism-spd/>
- Hamman, R. (2010, 6 outubro). 10 tecnologias que mudaram a década. *Tecmundo*. Acedido a 16 maio 2020, disponível em <https://www.tecmundo.com.br/lcd/5785-10-tecnologias-que-mudaram-a-decada.htm>
- Harvey, C. (2019, 11 abril). Where next for National Geographic?. *Financial Times*. Acedido a 15 abril 2010, disponível em <https://www.ft.com/content/bbf5bcce-579e-11e9-8b71-f5b0066105fe>
- History.com Editors (2020, 5 fevereiro). 2019 Events. *History*. Acedido a 08 maio 2020, disponível em <https://www.history.com/topics/21st-century/2019-events>
- Holloway, D. (2018, 31 julho) National Geographic Execs Rachel Webber, Rosa Zeegers, Laura Nichols Exit in Reorganization (EXCLUSIVE). *Variety*. Acedido a 17 setembro 2020, disponível em <https://variety.com/2018/tv/news/national-geographic-reorganization-1202891447/>
- Kyama, R. & Pérez-Peña, R. (2019, 24 maio). Kenya's High Court Upholds a Ban on Gay Sex. *The New York Times*. Acedido a 19 maio 2020, disponível em <https://www.nytimes.com/2019/05/24/world/africa/kenya-gay-ban-british.html>
- Lindsay, J. (2019, 23 dezembro). Ten Most Significant World Events in 2019. *Council on Foreign Relations*. Acedido a 07 maio 2020, disponível em <https://www.cfr.org/blog/ten-most-significant-world-events-2019>
- National Geographic. (s.d.^a). *About Us*. Acedido a 11 de novembro de 2019, disponível em <https://www.nationalgeographic.org/about-us/>
- National Geographic. (s.d.^b). *2015 Extended Partnership*. Acedido a 05 novembro 2019, disponível em <https://www.nationalgeographic.org/timeline/expanded-partnership/article>
- Pearson, S. (s.d.^a). 1990s News, Events, Popular Culture and Prices. *The People History*. Acedido a 19 maio 2020, disponível em <http://www.thepeoplehistory.com/1990s.html>
- Pearson, S. (s.d.^b). New Millennium. *The People History*. Acedido a 17 maio 2020, disponível em <http://www.thepeoplehistory.com/millennium.html>
- ProCron.org. (2020, 31 março). *History of Climate Change Debate*. Acedido a 08 abril 2020, disponível em <https://climatechange.procon.org/history-of-climate-change-debate/>
- Reis, C. (2019, 19 setembro). Estudantes (e não só) voltam à rua pelo clima e com novas reivindicações. *Diário de Notícias*. Acedido a 05 agosto 2020, disponível em <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/estudantes-e-nao-so-voltam-a-rua-pelo-clima-e-com-novas-reivindicacoes-11318512.html>
- Reuters (2019, 5 novembro). EUA notificam formalmente as Nações Unidas sobre saída do Acordo de Paris. *Público*. Acedido a 05 agosto 2020, disponível em <https://www.publico.pt/2019/11/05/mundo/noticia/eua-notificam-formalmente-nacoes-unidas-saida-acordo-paris-1892498>
- Sanchez, M. (2002). Agenda-Setting in *California State University*. Acedido a 15 maio 2019, disponível em <http://zimmer.csufresno.edu/~johnca/spch100/7-4-agenda.htm>
- Taylor, A. (2019, 7 outubro). 30 Years Ago: A Look Back at 1989. *The Atlantic*. Acedido a 06 maio 2020, disponível em <https://www.theatlantic.com/photo/2019/10/30-years-ago-a-look-back-at-1989/599386/>

- The Daily Dish. (2009, 7 julho). What Happened In 1990? How the gay-rights revolt turned into a battle for acceptance. *The Atlantic*. Acedido a 17 maio 2020, disponível em <https://www.theatlantic.com/daily-dish/archive/2009/07/-1990-gay-rights-marriage-aids/199110/>
- Tomé, J. (2019, 27 dezembro). Da era móvel ao espaço. Estes são os 10 avanços tecnológicos da década. *Diário de Notícias*. Acedido a 16 maio 2020, disponível em <https://insider.dn.pt/featured/da-era-movel-ao-espaco-estes-sao-os-10-avancos-tecnologicos-da-decada/23637/>
- Vidal, A. (2014, 15 janeiro) 'Intersectional feminism'. What the hell is it? (And why you should care). *Telegraph*. Acedido a 17 maio 2020, disponível em <https://www.telegraph.co.uk/women/womens-life/10572435/Intersectional-feminism.-What-the-hell-is-it-And-why-you-should-care.html>
- Vyas, K. (2019, 4 julho). Designer Babies: Gene-Editing and the Controversial Use of CRISPR. *Interesting Engineering*. Acedido a 08 julho 2020, disponível em <https://interestingengineering.com/designer-babies-gene-editing-and-the-controversial-use-of-crispr>

Anexos

Anexo A - Categorização das categorias e dimensões geográficas.



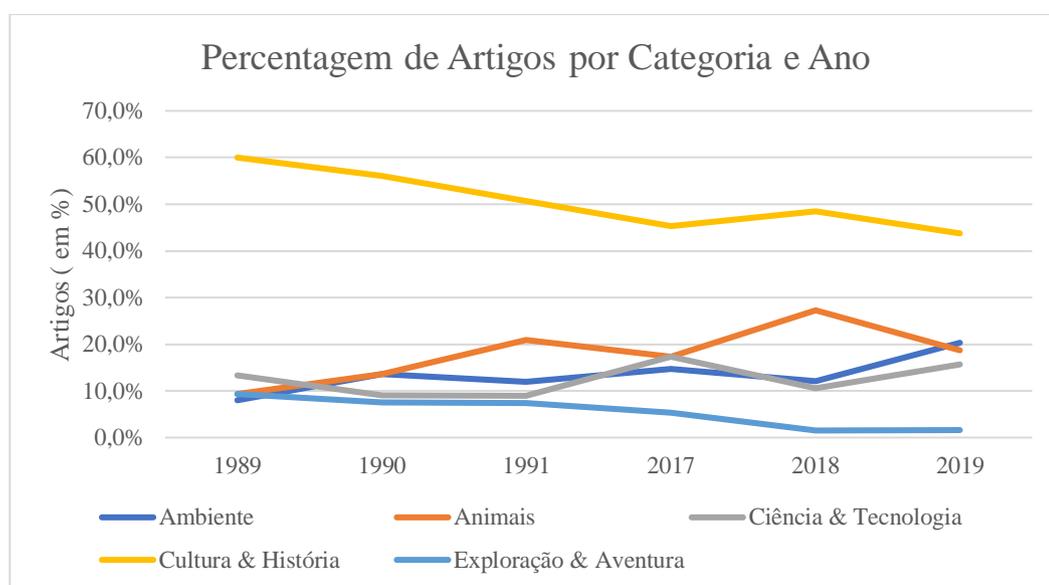
Anexo B - Unidades de registo / contexto por categoria.

Ambiente	Animais	Exploração & Aventura	História & Cultura	Ciência & Tecnologia
Desastres Naturais		Aventura	História	Saúde
Desastres Humanos		Viagens	Património	Biologia
Natureza			Sociedade	Astronomia
Conservação			Etnografia	Física
Aquecimento Global			Urbanismo	Tecnologia
			Antropologia	
			Arte & Artistas	
	Personalidades			

Anexo C - Percentagem de mulheres e homens autores por ano e bloco temporal.

	1989 (%)	1990 (%)	1991 (%)	Bloco 89 – 91 (%)	2017 (%)	2018 (%)	2019 (%)	Bloco 17 – 19 (%)
G. Feminino	10,84	9,86	12,86	11,16	36,62	48,48	51,56	45,27
G. Masculino	89,16	90,14	87,14	88,84	63,38	51,52	48,44	54,73

Anexo D - Gráfico da percentagem de artigos por categoria e ano.



Anexo E - Quantidade de países mencionados por área geográfica por ano e bloco temporal (média).

	1989	1990	1991	Bloco 89 - 91	2017	2018	2019	Bloco 17-19
Europa	10	5	8	7,67	13	5	5	7,67
América do Norte	3	3	2	2,67	3	3	3	3,00
América do Sul	6	2	2	3,33	5	6	4	5,00
América Central	3	1	3	2,33	4	1	2	2,33
África	6	7	4	5,67	15	6	10	10,33
Ásia	6	8	13	9,00	19	15	11	15,00
Austrália	1	0	2	1,00	0	1	1	0,67
Ártico	0	1	1	0,67	0	1	2	1,00
Antártica	1	1	0	0,67	1	1	1	1,00

Anexo F - Percentagem de artigos por áreas geográficas por ano.

	1989 (%)	1990 (%)	1991 (%)	2017 (%)	2018 (%)	2019 (%)
Europa	28,75	7,89	17,78	13,01	7,41	6,58
América do Norte	31,25	40,79	34,44	20,33	27,16	28,95
América Central	5,00	1,32	3,33	3,25	1,23	2,63
América do Sul	7,50	5,26	2,22	7,32	11,11	5,26
África	7,50	15,79	13,33	17,07	8,64	17,11
Ásia	11,25	15,79	18,89	30,08	20,99	18,42
Austrália	1,25	0,00	5,56	0,00	2,47	1,32
Ártico	0,00	1,32	1,11	0,00	3,70	3,95
Antártica	1,25	2,63	0,00	2,44	1,23	0,00
n.d.	6,25	9,21	3,33	6,50	16,05	15,79